

PONTO DE VISTA de que não partilhamos

GLOSANDO o mote do mercado comum, o sr. Carlos Rates publicou algumas considerações no nosso estimado colega «Correio do Sul», as quais considerações nos sugerem outras um tanto discordantes do seu ponto de vista.

No entender do sr. Carlos Rates, que objectivamente menciona fábricas e fabriquetas de conservas de peixe em Setúbal, Olhão e Matosinhos, deve fazer-se a concentração desta indústria, concentração que se traduziria na eliminação de parte dessas fábricas, com os consequentes prejuízos para os industriais mais débeis e para o pessoal operário que ficaria reduzido à miséria, visto ser impossível empregar todos os braços disponíveis num reduzido número de fábricas. Em troca deste sacrifício poder-nos-íamos apresentar no mercado comum em condições de concorrer com os nossos rivais.

Esta a doutrina económica do sr. Carlos Rates, a aspirina milagrosa para as nossas dores de cabeça. Não nos atrevemos a negar que há alguma virtude banal no modo de ver do articulista. É certo que as grandes concentrações fabris levam ao barateamento da mercadoria e implicitamente à grande concentração capitalista, aquela concentração tão almejada pelos teóricos marxistas — o sr. Carlos Rates, que foi doutorador, sabe isto muito bem — para apressar a deterioração da estrutura capitalista. Ora nós, que vimos a coisa com menos radicalismo e julgamos que com mais senso, discordamos da medida advogada secamente pelo plumitinho. Parece-nos que enquanto for possível resistir se deve evitar a concentração sugerida porque o «statu quo» permite empregar

Conclui na 5.ª página

Dentro das limitações FINANCEIRAS que tolgem as actividades dos Municípios a Câmara Municipal de Loulé realizou no ano findo uma obra proveitosa para o concelho



A moderna Avenida José da Costa Mealha, em Loulé, que vai sofrer importantes obras de alindamento

SOB a presidência do sr. José João Ascensão Pablos, presidente do Município de Loulé, reuniu-se o conselho municipal para apreciar o relatório da gerência referente ao ano findo. As contas revelam que o total das receitas, incluindo o saldo de 1956, foi de 4.395.302\$80 e as despesas ascenderam a 4.263.711\$40, passando para este ano o saldo de 131.591\$40. Como se sabe, Loulé é um concelho enorme, o maior do Algarve e é difícil à Câmara Municipal, devido à dispersão populacional, atender a todas as necessidades porque as receitas não dão para isso. Adoptou a Câmara, no entanto, o critério de ir resolvendo, a prazo

mais ou menos longo, as necessidades locais, conferindo prioridade às mais instantes. No ano findo não se limitou o Município à distribuição das verbas habituais às freguesias; foi mais além, promovendo o reparação, conservação e construção de algumas estradas e caminhos, reparação de fontes e poços, construção de edifícios escolares, etc.

Na sede do concelho foi concluída a segunda fase do Parque da vila, bem como a betuminização da Avenida José da Costa Mealha, tendo sido aberto concurso para a segunda fase, que compreende a pavimentação das cinco placas centrais. Também foi aberto concurso para a reparação de várias ruas, entre elas a Vasco da Gama, Dr. Barata, Alexandre Herculano e Mousinho de Albuquerque.

No que respeita a abastecimento de água, foi instalado mais um grupo elevatório, o que livrou a população da ameaça de ficar privada do precioso líquido, e já foi aberto concurso para aquisição de um equipamento de claro gasoso para desinfecção da água, assegurando a pureza desta.

Para a construção do Centro de Assistência Polivalente contribuiu a Câmara com a última prestação do subsídio de 210 contos e foi melhorada a iluminação de várias ruas com a aplicação de lâmpadas de luz fluorescente.

O relatório do Município dedica um capítulo à electrificação do concelho.

Conclui na 4.ª página

510.473.599 pesetas foi quanto rendeu no ano findo A LOTA DE VIGO

VIGO (Especial para o *Jornal do Algarve*) — A capital pesqueira de Espanha registou no ano findo um dos maiores rendimentos piscatórios de todos os tempos. Apesar de grande parte da frota ser antiquada, não há dúvida de que os pescadores galegos houveram-se de sorte a merecer a gratidão da cidade pela riqueza que trouxeram à lota do Berbés, riqueza que beneficiando Vigo, beneficiou naturalmente a economia espanhola. É certo que o pescador galego é mais imaginoso que o pescador algarvio e não vê a sua iniciativa limitada. Barcos há que tanto se dedicam à pesca da sardinha como a qualquer outra pesca, desde que aquela falte. Entende-se que o homem do mar tem que viver do mar e dentro deste critério dá-se-lhe plena liberdade de acção.

Um fenómeno animador foi o do aparecimento da sardinha, de que se venderam no ano findo 7.349 toneladas, no valor de 23.271.083 pesetas. O biqueirão rendeu muito menos que em Vila Real de Santo António. Apenas se capturaram 1.090 toneladas que atingiram o valor de 1.764.273 pesetas, tendo sido de 1,61, a média por quilo, enquanto a sardinha alcançou a média de 3,16.

«O SÉCULO» também defende a construção do porto de Mértola

O NOSSO prezado colega «O Século», numa crónica publicada no sábado passado, dava o seu aplauso à campanha do *Jornal do Algarve* no sentido de se construir, finalmente, o porto de Mértola, melhoramento que constitui uma extraordinária valorização para o Baixo Alentejo. Referem-se nessa crónica as vicissitudes que tem padecido o projecto da obra e esclarece-se: «Todavia, o assunto voltou, agora, a ser novamente ventilado no combativo «Jornal do Algarve», de Vila Real de Santo António, que chamou a atenção do Governo para o facto inexplicável de não se construir o porto de Mértola. Efectivamente, não se compreende que uma obra de fomento da envergadura desse porto continue emperrada.

E depois de aduzir razões convincentes e justificativas do importante melhoramento, o grande matutino conclui: «O Baixo Alentejo espera que desta vez não surgirão os estranhos impedimentos que têm evitado a realização de uma obra de indiscutível interesse nacional».

Também o nosso colega «Diário do Alentejo», no seu número de 28 do mês passado, em crónica assinada pelo sr. F. Pereira Medeiros, fez considerações sobre o desassoreamento do Guadiana e o porto fluvial de Mértola. Batendo a mesma tecla do *Jornal do Algarve* e baseando-se nos argumentos já apresentados por nós, apenas *eskorrega* ao conceituar que «parece oportuno ventilar novamente este magno problema.» Ora o problema já está a ser ventilado e juramos que não será por falta de ventilação que o projecto assixiará.

CULTURA

A estatística de 1956, quanto ao Algarve, diz que estiveram em funcionamento 44 bibliotecas, frequentadas por 7.601 leitores; 5 museus visitados por 16.199 pessoas; 24 casas de espectáculos com a frequência de 1.328.441 espectadores, havendo também 134 organismos de desporto e recreio com 35.876 sócios. O número de jornais era de 10, dos quais 8 semanários e estavam registados 14.868 receptores de T. S. F.

Conclui na 2.ª página



Vejam o carinho com que esta linda criança cuida dos seus cordeirinhos! Na sua inocência e no seu amor pelos animais, ela exterioriza os sentimentos de pureza e de bondade do ser humano antes de se aduller e emporcalhar no convívio dos seus semelhantes adultos, já lavados de todas as impurezas — o egoísmo, a manha, a avareza, o ódio, a violência, a opressão — toda a gama de inferioridades morais que desvirtuaram a bon-

dade original do Homem e que transformaram o mundo nesta negregada coisa que todos olhamos com desconfiança e com temor, receosos do ódio e da incompreensão dos homens. Olhando para esta criança e para estes humildes animais, lembremo-nos dos laboratórios malditos onde se forja o aniquilamento da Humanidade e sentimos vergonha de nós próprios — dos homens.

A LUTA CONTRA A FORMIGA ARGENTINA

(Exclusivo do *Jornal do Algarve* — Reprodução proibida)

pelo Eng. Agrónomo J. F. Pinto-Ganhão

A FORMIGA argentina constitui, infelizmente, uma praga largamente difundida através do nosso País, sendo as províncias do Minho, Douro Litoral, Beira Litoral, Estremadura, Ribatejo e Algarve, as mais

Exportaram-se no ano findo menos 73.000 contos

de conservas de peixe
de que no ano de 1956

NO ano findo as nossas exportações de conservas de peixe totalizaram 58.407.571 quilos, no valor de 1.005.019.399 escudos, menos 73.000 contos que no ano de 1956. A exportação, por espécies, foi a seguinte: atum e similares em salmoura, 522 toneladas, no valor de 8.341 contos; atum e similares em azeite ou molhos, 2.782 ton. e 63.871 contos; cavala em azeite ou molhos, 6.367 ton. e 92.617 contos; sardinha e similares em salmoura, 1.434 ton. e 10.144 contos; sardinha em azeite ou molhos, 40.084 ton. e 679.941 contos; similares de sardinha em azeite ou molhos, 6.419 ton. e 139.138 contos.

O nosso principal comprador foi a Itália que adquiriu conservas no valor de 166.375 contos, seguindo-se-lhe a Alemanha, com 142.700 contos; a América do Norte, com 136.728 e a Inglaterra, com 134.392 contos.

Como sempre, o maior consumidor de conservas de atum e similares foi a Itália que nos adquiriu 2.075 toneladas, no valor de 47.144 contos, seguindo-se-lhe a Venezuela, com 6.206 contos e Bélgica-Luxemburgo, com 2.890 contos.

O principal comprador de sardinhas foi a Alemanha. Adquiriu 8.183 toneladas, no valor de 139.779 contos; seguiram-se-lhe a Inglaterra, com 8.064 ton. e 128.779 contos; a América do Norte, com 2.713 ton. e 61.350 contos; a Itália, com 2.963 ton. e 48.236 contos; a França, com 2.841 ton. e 47.765 contos e a Bélgica-Luxemburgo, com 2.216 ton. e 37.028 contos.

Continua a ser a América do Norte o principal comprador de anchovas. Adquiriu 2.396 toneladas, no montante de 64.766 contos. Fizeram também compras de certo volume: Itália, 232 toneladas, no valor de 6.203 contos; Suíça, 205 ton. e 5.682 contos; França, 196 ton. e 5.029 contos; Inglaterra, 180 ton. e 5.042 contos; Canadá, 145 ton. e 3.952 contos. O total das exportações de anchovas foi de 3.962 toneladas, no valor de 107.162 contos.

fortemente infestadas. Dum modo geral, podemos dizer que a sua distribuição corresponde sensivelmente às regiões onde os citrinos, as vinhas, oliveiras e figueiras estão largamente representados. Não é por mera coincidência que esta relação se verifica. Com efeito, todas as culturas referidas são, com maior ou menor gravidade, atacadas por várias cochonilhas excretoras de melada, entre as quais se destacam para os citrinos, o algodão (*Pseudococcus citri* Risso), a icéria (*Icerya purchasi* Mask), escama (*Coccus hesperidum* L), cochonilha negra (*Saissetia oleae* Bern.) e lapa (*Ceroplastes sinensis* del Guercio); nas vinhas, há que salientar de novo o algodão e para os oliveiras, a cochonilha negra, enquanto que os figueirais são, de um modo geral, intensamente parasitados por outra lapa, o *Ceroplastes rusci* L.

São, na verdade, estas cochonilhas

Conclui na 6.ª página

ESTÃO A DORMIR senhor doutor!

NUMA conferência que o sr. dr. António Duarte Silva, director da Cooperativa dos Armadores da Pesca do Bacalhau, realizou no Grémio do Comércio de Aveiro, lamentou que, na costa sul portuguesa, não se exerça uma pesca intensiva de camarões, gambas e similares, ao contrário do que sucede em Huelva, cujos barcos capturaram mais de 8.000 toneladas destas espécies, sendo a maior parte na costa portuguesa.

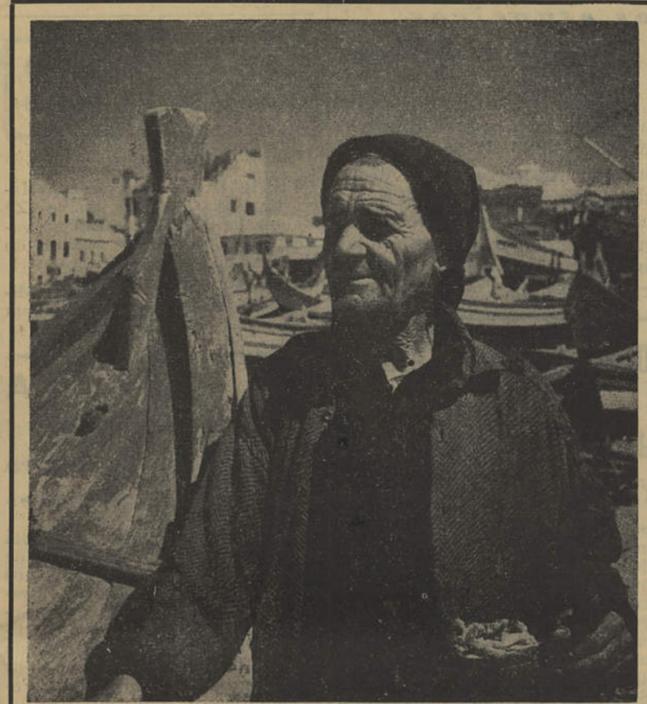
O senhor doutor, não fale alto que incomoda os homens.

A saúde é a maior riqueza

Mãos e doenças dos olhos

A mucosa do globo ocular é muito propícia às infecções. Levar aos olhos as mãos, que a todo momento entram em contacto com impurezas e micróbios, é dar ensejo ao aparecimento de infecções.

Não esfregue os olhos, e, quando for preciso tocá-los, faça-o com um lenço limpo, evitando o contacto das mãos.



Pescador, camarada de milhares deles que exercem o seu árduo mister na costa ou nos mares distantes, suportando as intempéries e as lras do mar, profissão das mais dignas e ingratas e que deve merecer a simpatia e o amparo de todos

O AMPARO DISPENSADO À CLASSE PISCATÓRIA e a urgência da construção de bairros em Vila Real de Santo António e Armação de Pera, que aguarda também o abastecimento de água

ARMAÇÃO DE PERA — As instituições corporativas criadas dentro do nosso País estão já produzindo os seus benéficos resultados. A classe trabalhadora, que de princípio clamava do pagamento das suas cotas, hoje vai reconhecendo os benefícios recebidos em seu

proveito e dos seus familiares, manifestando assim mais apego à vida, mais amor ao trabalho, mais fé no futuro e a certeza de que amanhã, quando impossibilitado pela velhice de ganhar o pão de cada dia, o trabalhador não terá de es-

Conclui na 4.ª página



por CASIMIRO DE BRITO

A fanfarra

As quintas-feiras... a fanfarra. Quando a fanfarra passa, enchendo de ovações marciais as ruas e avenidas por onde passa, abrem-se alas e olha-se, olha-se para o porte garboso daquele soldado grandalhão que gesticula com dois pauzinhos e os atrá depois, num ritmo perfeito, contra a inofensiva pele de um bombo enorme. E marcha, como ele marcha altivo e sereno, irrealizando a fanfarra, como se de soldadinhos de chumbo se tratasse!... Depois vêm os tambores, rataplão, rataplão, rataplão-plão-plão, lembrando-nos aquela cançãozinha que aprendemos na aula de Canto Coral, no tempo em que só víamos, no passar dos soldados, uma imagem romântica e desejada próxima de nós:

eu sou o tambor do meu batalhão rataplão-plão-plão, rataplão-plão-plão sempre à frente em marcha do meu batalhão rataplão...

E seguem-se os corneteiros, ensurdecendo-nos os ouvidos com a agudez dos sons libertados, convidando-nos à marcha intensa, controlando, enfiadamente convidativa... E' que é preciso um pouco-muito de «self-control» para não irmos também na corrente, marchando como os soldados, rataplão, rataplão, evadidos e felizes, como acontece nos momentos em que nos descontrolamos, rataplão, rataplão, plão-plão...

Quem é que não descobre uma mina de felicidade na face daquele grupo de crianças que é habitual, como segundo esquadrão, quando a fanfarra passa? Eles lá vão, condicionados ao ritmo dos tambores, à gravidade dos sons dos cornetes, eles lá vão com a sensação natural de utilidade, de que indo atrás da fanfarra são também, eles mesmos, a fanfarra... E são naturais e simples, essas crianças. O desejo deles é o mesmo da criança que reside em cada um de nós, da criança que somos e que não assasinamos ainda completamente. Mas realizam-se, lá vão, lá vão sendo integralmente naturais porque obedecem aos seus impulsos, sem perdas de tempo, sem obediência ao estupidos dos convencionalismos.

A fanfarra trouxe-nos a estas considerações do mesmo modo que levou algumas dezenas de pessoas a se levantarem dos seus lugares, numa sessão de cinema de quinta-feira, quando ouviram a barulheira infernal, mas controlada, que lhes despertou os instintos para a naturalidade, o ir ver, o deixar-se ir ver. (Isto acontecia, todas as quintas-feiras, logo quando a fanfarra começou a sair — porque agora, se alguém se lembrasse de se levantar da sua poltrona para ir ver a fanfarra, o-lá-lá, o tipo é do campo, nunca viu nada...)

Afinal a fanfarra, mais do que um soldado alto que gesticula com dois pauzinhos, mais do que um grupo de corneteiros e de tambores, mais do que essa barulheira que sai para a rua às quintas-feiras... é também um motivo para dez-réis de filosofia barata. Olá, se é!

NOTÍCIAS PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Estiveram em Vila Real de Santo António os srs. Emílio Garcia Ramirez e Martinho José de Andrade, nossos assinantes em Matosinhos.

Vimos em Vila Real de Santo António o sr. Manuel Sebastião Mendes, nosso assinante em Martinlongo.

Encontra-se em Vila Real de Santo António o sr. José Saraiva Rosa.

Regressou de Lisboa, onde esteve estagiando nas principais empresas geradoras de energia eléctrica alterna, o nosso assinante sr. Francisco Ribeiro Alves, chefe-electricista da central desta vila.

Vimos em Vila Real de Santo António o sr. dr. Jorge da Fonseca, sócio da Companhia de Pesca e Congelamento de Cabo Verde, Lda., nosso assinante em Lisboa.

Gente nova

Na maternidade do Hospital Marquês de Pombal, em Vila Real de Santo António, teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.ª D. Maria Helena Peres Fernandes, esposa do sr. Narciso Fernandes.

Em Vila Nova de Cacela, onde reside, teve o seu feliz sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.ª D. Maria Cristo Cristina, esposa do nosso assinante sr. Joaquim Salgueiro Valongo.

Doentes

A fim de ser submetido a uma intervenção cirúrgica, encontra-se em Lisboa o nosso assinante sr. Dorilo Julião de Seruca Inácio, chefe da delegação do I. P. C. P., em Vila Real de Santo António.

Tem passado incomodado de saúde o ilustre jornalista e nosso prezado colaborador sr. João Lobo de Miranda Trigueiros.

Regressou de Faro à sua casa de Vila Real de Santo António, acompanhada de seu marido, sr. Manuel Dias Sancho, a sr.ª D. Maria de Brito Sancho, que naquela cidade esteve hospitalizada em tratamento do grave desastre de que foi vítima.

Tem estado bastante doente, em Lisboa, onde reside, o nosso assinante sr. Hostílio Bandeira Rosa.

Também tem passado bastante incomodada de saúde a sr.ª D. Cristina Cumbreira Ramirez.

O jornal do Algarve, formula votos pelo rápido restabelecimento dos doentes.

Diversas

Foi promovido a chefe de brigada da P. I. D. E. na Índia Portuguesa, o sr. Eduardo Baptista Antunes, genro do nosso assinante sr. José Maria Aguilera dos Santos.

No impedimento do chefe da delegação do I. P. C. P. em Vila Real de Santo António, sr. Dorilo Julião de Seruca Inácio, que, como noutro lugar noticiamos, seguiu para Lisboa, foi nomeado chefe interino o funcionário sr. Rúbens Aleixo Baptista.

Farmácia de Serviço

De hoje até ao próximo sábado, está de serviço a Farmácia Carrilho, Praça Marquês de Pombal. telef. 40.

Os C. T. T. no Algarve

Transferências

Os srs. Raul Simplício dos Santos Coelho — operador, e Manuel Alfredo Afonso — guarda-fios, foram transferidos, a seu pedido, respectivamente da estação de Vila do Bispo para a de Olhão, e de Vagos (Porto) para Vila Real de Santo António.

Exonerações

Por ter sido provido no cargo de escriturário de 2.ª classe do Ministério da Marinha foi exonerado, a seu pedido, o operador do quadro de reserva em exercício na estação de Faro, sr. António Felícia Alves.

ECONOMIA 510.473.599 pesetas foi quanto rendeu no ano findo a lota de Vigo

Produção conserveira na década de 1947-56

PARA se avaliar como se tem operado a nossa evolução no sector das conservas de peixe, insétemos a seguir as produções — peso líquido — das conservas fabricadas nos anos que, decorreram de 1947 a 1956, em toneladas.

Table with columns for years 1947-1956 and rows for 'Em azeite ou molhos' (Sardinha, Similares da sardinha, Atum e similares, Outras espécies) and 'Conservadas pelo sal' (Sardinha, Similares da sardinha, Outras espécies).

Uma fábrica de «whisky» em Espanha

Em Segóvia vai ser construída uma grande fábrica de «whisky» do tipo escocês que produzirá um milhão de litros anuais não só para consumo interno como para exportação. Como se sabe, as matérias primas a utilizar são principalmente cereais que se cultivarão naquela provincia. Para envelhecer o «whisky» durante os três anos obrigatórios, terão de adquirir-se 6.000 barris de carvalho.

A CASA DO ALGARVE

comemora o 128.º aniversário do nascimento de João de Deus, seu Patrono, e os da sua fundação e ressurgimento

Hoje, pelas 21,45 horas, a Casa do Algarve realiza na sua sede uma sessão solene comemorativa do 128.º aniversário do nascimento do grande poeta e pedagogo João de Deus, seu patrono e dos 28.º e 12.º da sua fundação e ressurgimento. Presidirá a neta do glorioso lirico, sr.ª D. Maria da Luz de Deus Ponces de Carvalho, presidente da Associação de Jardins-Escolas João de Deus, e usarão da palavra os srs. dr. Maurício Monteiro e Hermenegildo Neves Franco, respectivamente, vice-presidente da direcção e primeiro secretário da colectividade.

Completará a sessão um recital poético, com a colaboração da distinta poetisa e escritora Nita Lúpi, da festejada cantora Júlia Barroso e do laureado pianista sr. dr. José Carlos Picoto.

Visado pela delegação de Censura

SOCIEDADE OCEANICA DO SUL, S. A. R. L. LISBOA. Motores marítimos: SKANDIA, KAMPER, ATLAS IMPERIAL SIMRAD — Sondas e rádios telefones para a pesca. Máquinas para a indústria de conservas: SUDRY ASSMAN — Aparelhos gravadores de som para ditado. Aparelhos descongeladores e de aquecimento para a indústria e conforto MASSER. Máquinas para café-crème EUREKA. Agentes em todo o Algarve.

Conclusão da 1.ª página centros industriais de conservas de Espanha, estranhando que até agora não tenha havido aí a iniciativa de se armarem barcos que se dedi-

Table with columns for years 1947-1956 and rows for 'Em azeite ou molhos' and 'Conservadas pelo sal'.

PAULINE LEDERER EM LAGOS

LAGOS — A quebrar a monotonia de cidade provinciana, onde o interesse se perde num ritmo sereno e cáldio, o concerto pela artista americana Pauline Lederer teve foros de novidade e de expectativa.

Para os que lêem os jornais, o seu nome não era totalmente desconhecido, visto que em Faro se tinha apresentado com geral agrado.

Para os outros, paciência, tiveram agora uma oportunidade, sem dúvida inestimável.

Alinhando nos últimos, fui ouvida. O salão nobre do Teatro-Cinema Império, gentilmente cedido pela respectiva empresa, estava repleto.

Pode dizer-se, sem faltar à verdade, que Pauline Lederer impressionou a assistência com a sua intuição musical e o seu jogo de mãos deveras primoroso. E' sem dúvida uma artista, jovem ainda, com grandes possibilidades já no presente e que, com a continuidade e o estudo, pode alcançar um primeiro plano. Torna-se excepcionalmente convincente na interpretação — e é de frisar a sua mudança de expressão fisionómica — vivendo-a emocionalmente e aparentando uma sensibilidade que explica a sua compreensão musical.

Recordando o programa, a parte final impôs-se, com um Debussy sonoro e vibrátil, que sugeriu a todos uma imagem indefinida, tomando forma, na imaginação do ouvinte, produzindo individualidade e autonomia no auditório. Temos pois a agradecer ao sr. dr. João Centeno, o esforço que tem realizado para que na nossa cidade se ouçam concertos de valor por artistas de conceituado mérito.

José Fragozo

Estão a chegar ao nosso porto os atuneiros «Rio Águeda» e «Rio Vouga»

Com carregamento total de atum, estão a chegar ao porto de Vila Real de Santo António os atuneiros «Rio Águeda» e «Rio Vouga», da E. P. A., atum que será laborado nas nossas fábricas, devendo a laboração prolongar-se por cerca de 20 dias.

OLHÃO HOMENAGEOU a memória do dr. Luís Bernardino da Silva

POUCO tempo de que dispomos para o fecho do jornal não nos permite dar pormenorizadamente a notícia da homenagem à memória do dr. Luís Bernardino da Silva, que anteontem à tarde se realizou em Olhão.

Constou essa homenagem do descerramento de uma lápida no prédio da Avenida da República, n.º 14, onde nasceu o preteado e de uma sessão no salão da Sociedade Recreativa Olhanense, na qual discursaram os srs. drs. Manuel de Sousa Guita Júnior e Fernandes Lopes, que enalteceram as virtudes do saudoso médico. Presidiu o sr. Lourenço Baptista Lopes de Mendonça, presidente do Município, ladeado pelos srs. dr. Angélico Sequeira Carvalho, juiz da comarca, cônego dr. António Baptista Delgado, tenente Carlos Pacheco Pinto, capitão do porto, dr. Fernandes Lopes, tenente Cabrita, da G. F. e António dos Santos Coelho e Bernardo Henrique Ferreira, presidentes, respectivamente, da assembleia geral e da direcção da Sociedade Recreativa.

O dr. Luís Bernardino da Silva, filho do que foi grande benemérito dr. Bernardino Adolfo da Silva, que tem o seu nome na principal avenida olhanense, foi também, além de uma pessoa de espírito requintado, um benemérito, tendo posto a sua ciência ao serviço das classes mais desprotegidas, que nele perderam um generoso protector. Dirigiu durante anos o hospital de Olhão e era um devotado amigo da sua terra natal.

A homenagem foi promovida por uma comissão constituída pelos srs. dr. Manuel de Sousa Guita Júnior, Messias Fernandes Marques Cêrca,

quem, tal como nós e os franceses, à pesca da albacora, que é inquestionavelmente mais rendosa que as outras pescas. A que atribuir esta falta de iniciativa? Possivelmente, julgamos nós, à carência de recursos financeiros. Não há outra explicação e isto porque dispozo essa terra das maiores e quase únicas fábricas de atum de Portugal e tendo marcas já antigas, tudo indicava que partisse daí a iniciativa. Naturalmente ela acabará por surgir de qualquer outra terra sem tradições industriais e com lucro para quem ousar meter mãos à obra. Este caso surpreende os industriais vigueses que sabem muito bem que Vila Real de Santo António é um dos maiores portos de pesca de Portugal e daí o seu pasmo ante a inércia dos seus colegas algarvios. Esperemos que estes despertem da sua modorra. Entretanto em todo o litoral galego, aproveitando os enormes créditos concedidos pelo governo e que são amortizados a longo prazo, os armadores preparam-se para modernizar as suas artes e arrancar maior riqueza do mar.

O mês que findou foi muito satisfatório. A pesca desembarcada atingiu 4.858 toneladas que renderam 40.428.946 pesetas. As mais volumosas capturas foram: pescadinha, 681.760 quilos que valeram 11.656.135 pesetas; chaputa, 942.890 quilos e 6.360.302 pesetas; pescada, 95.694 quilos e 3.814.622 pesetas; carapau, 1.072 toneladas no valor de 3.521.557 pesetas; lulas, 103.693 quilos e 1.323.141 pesetas; «merlucilla», 64 toneladas e 1.922.396 pesetas. De sardinha venderam-se 168.447 quilos que renderam 1.187.223 pesetas.

Além dos números já referidos sobre a produção do ano findo, vamos fornecer mais algumas indicações de peixes e moluscos de utilização industrial. Capturaram-se no citado ano 62.675 quilos de cavala, no montante de 396.007 pesetas; 654.213 quilos de lulas que renderam 8.945.625 pesetas; chaputa, 6.788.502 quilos e 39.195.163 pesetas; chocos, 646.342 quilos e 3.994.083 pesetas; carapau, 9.685.965 quilos e 31.697.690 pesetas; mexilhões, 1.533.399 quilos e 2.300.190 pesetas; polvo, 542.446 quilos e 3.666.195 pesetas. A espécie de peixe que deu maior rendimento foi a pescadinha, como de costume. Vieram à lota 8.375 toneladas que valeram 136.888.228 pesetas.

Vieram à lota, no ano findo, 64.069 toneladas de peixe que renderam 510.473.599,50 pesetas. Deste volume foram absorvidos pelas fábricas de conservas 12.154.764 quilos e pelas indústrias de fumo, seco e derivados, 8.929.760 quilos. — Angel Peres.

MOVIMENTO PORTUÁRIO

de 27 de Fevereiro a 6 de Março

ENTRADOS: Portugueses, «Maria Christina», de 549 ton., e «Zé Manel», de 926 ton., de Lisboa, vazios; «Mira Terra», de 562 ton, do Porto, vazio.

SAÍDOS: «Maria Christina», «Mira Terra» e «Zé Manel», todos com minério para Lisboa.

NA FUSETA foi lançada a água

a nova traineira «Senhora da Piedade»

FUSETA — Na terça-feira, foi lançado à água o maior barco de pesca construído, até à data, nos estaleiros desta localidade. Trata-se da traineira denominada «Senhora da Piedade», que irá substituir a que actualmente tem o mesmo nome e de que são proprietários os armadores, srs. Manuel João e Feliciano Ribeiro.

Antes do lançamento, procedeu-se à cerimónia do batismo pelo rev. Américo Gomes dos Santos. Foi madrinha a gentil menina Rosa Maria Serra, que partiu contra a proa do barco uma garrafa de champagne... à quarta tentativa!

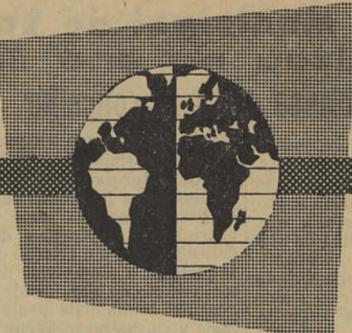
Assistiram ao acto, além de outras individualidades, os srs. delegado Marítimo, presidente da Junta de Freguesia, comandante do Posto da Guarda Fiscal, regedor, muitos convidados e centenas de populares. Finda a cerimónia da benção e do lançamento, foi oferecido na residência do construtor naval e autor do projecto, sr. Licínio Mendes Correia, um Porto de Honra. Tomaram a palavra vários convidados, que elogiaram a construção e desejaram as maiores prosperidades à nova unidade de pesca.

Resta agora saber como sairá a traineira para fora da barra, pois a ria está tão assoreada, que nem um pequeno bote já tem possibilidade de passagem!... — C.

Rui Eduardo da Glória Centeno, João Lobo de Miranda Trigueiros, António Reis Almodovar, António dos Santos Coelho e José Reis Viégas Silva.

Advertisement for 'TUBOS de polietilene' by 'PLÁSTICOS ROCHAS, LDA.' featuring the 'PIAROL' brand. Includes technical details like 'Em rolos de 25, 50 e 100 metros e nos diâmetros de 1/4 a 4"', a list of benefits (e.g., 'Grande resistência química', 'São flexíveis'), and contact information: 'AVENIDA JOÃO XXI, 3 C. LISBOA • TELEFONE 725302'.

PANORÂMICA



COM A COLABORAÇÃO DOS SERVIÇOS CULTURAIS DA SHELL PORTUGUESA

AUTOMATIZAÇÃO LIMIAR DE UMA NOVA IDADE

○ NOSSO século está às portas de uma nova idade, a da Automatização. Do doce-amargo ramo de risos, por Chaplin colhido com os «Tempos Modernos», até às antecipações romanescas da ficção científica, o problema é constantemente evocado, e muitas vezes discutido apaixonadamente.

Mas isolemos simplesmente os dados precisos e concretos para respondermos a duas per-

Os processos de Automatização são anteriores à revolução industrial, mas utilizam-se agora até um ponto em que a mecanização não só substituiu o trabalho físico como torna automático um trabalho para o qual a intervenção do homem era ainda considerada indispensável.

Hoje, o que caracteriza a Automatização é o facto de «substituir» a acção do cérebro. Na execução de um tra-

contrôle automático de caudais, temperaturas, pressões, níveis, etc.

A qualidade do produto destas refinarias vem consideravelmente melhorada e a preços mais baixos. Além de vantagens tecnológicas, há também vantagens económicas.

O «milagre» depende não só dos homens empenhados no trabalho operacional mas de todos os utilizados nos trabalhos especializados e auxiliares. Numa instalação moderna, podem existir duas vezes mais engenheiros de manutenção do que operação. Muitos dos trabalhos exigem, da parte daqueles que os realizam, anos de treino prévio. Nunca a inteligência e a habilidade dos homens foram tão preciosas.

A aplicação dos métodos de automatização tem lugar também nos escritórios. As máquinas apresentam duas vantagens principais: capacidade e selectividade da memória; possibilidade de estabelecer ligações automáticas com outras máquinas de equipamento administrativo. A automatização nos escritórios é já uma realidade.

Na Grã-Bretanha, por exemplo, um computador electrónico, o «Leo», entre outros serviços, prepara os envelopes de pagamento semanal dos 10.000 empregados de uma empresa de restaurantes e faz uma análise diária nas tendências de encomendas nas 150 sucursais da firma.

Um dos maiores computadores electrónicos da Europa Ocidental está actualmente instalado ao serviço da Royal Dutch/Shell nos laboratórios de Amsterdão. Construído por Ferranti Ltd., de Manchester, o «Miracle» tem servido para resolver problemas de pesquisa técnica e científica e para trabalhos de escritório.

ANEDOTAS

HISTÓRIA DE BAR — Num bar, um inglês, que já bebeu sete «whiskies», começa a cambalear sobre o banco.

— Mais um «whisky» duplo! ordena.

— Mas, senhor, aconselha o «barman», não acha...

— Não se inquiete. Sei até onde posso ir. Por exemplo, repare naquele gato que vai a entrar a porta. Se estivesse bêbedo, veria quatro olhos no bichano; ora eu só vejo dois...

— Mas, senhor, dis o «barman», inquieto, o gato não vai a entrar, vai a sair!

HISTÓRIA DE COMERCIANTE — Um velho comerciante encontra-se moribundo. Quase num soporo, inquiriu:

— A minha mulher?

— Aqui estou, meu querido!

— Bem! E o José?

— Também aqui estou, papá!

— Ótimo! E o Maurício?

— Maurício também está aqui.

Não te preocupes, sossega...

— E a Sarinha?

— Também aqui estou, vovó! Estamos aqui todos!

Bruscamente, o moribundo parece recobrar vigor perguntando, e alarmado:

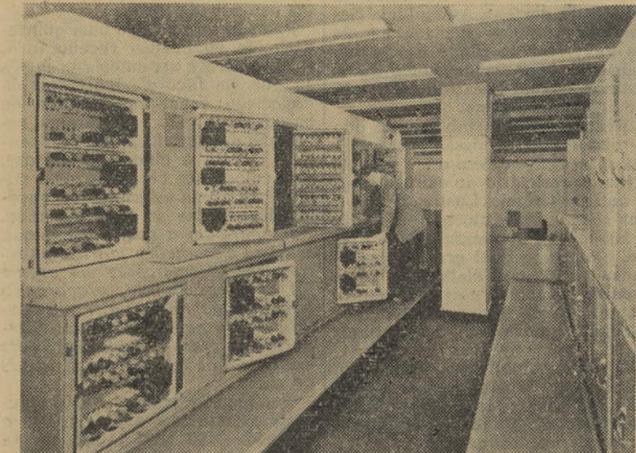
— Mas como é isso? Então não está ninguém no armazém?

HISTÓRIA DE ANTROPÓFAGOS — Dois antropófagos estão calmamente, a comer carne humana. De repente, um deles, mais viajado, chama o cozinheiro-chefe e diz:

— Curioso, este prato! Informaste-te bem do que fazia este branco, na vida civil, antes de os assares?

— Sim — responde o cozinheiro — era vendedor de vinhos...

— Ora aí está! É que lhe achava um sabor dos diabos a rolha.



O cérebro electrónico, instalado no Laboratório da Shell em Amsterdão

guntas: O que é a Automatização? Que podemos esperar dela?

Auto é um prefixo familiar na linguagem moderna. Vem do grego e significa «de si-mesmo» ou «por-si-mesmo». O resto da palavra traduz o movimento. Assim, no seu «Gargantua», Rabelais dizia: «Construir diversos pequenos engenhos automáticos, isto é, movimentando-se por si próprios.»

A palavra Automatização (em inglês «Automation»), inicialmente empregada por um técnico da Ford Motor Company para descrever a transferência automática do trabalho de máquina para máquina, ampliou o seu significado e definiu-se, agora, como o controle operado por máquinas em substituição do homem.

Quatro etapas há a considerar na automatização: Um instrumento mede os dados do problema; Um segundo instrumento regista o cálculo; Um «cérebro» responde (é a primeira fase de controle do qual depende a última etapa); Um «músculo» executa a «ordem do cérebro» (abre uma válvula, põe uma bomba a funcionar, etc.).

MODELO DE PRIMAVERA



Blusa confeccionada em fazenda, cuja cor deverá contrastar com as aplicações de lá. Estas são cosidas à frente, em forma de U, nos punhos, e no pescoço, a rematar o decote

balho, a operação «automática» associa-se ao «controle automático».

Se a Automatização integral, a fábrica de «carregar no botão», não existe ainda, entrou pelo menos no domínio das coisas razoáveis. Dispositivos electrónicos podem já planificar e controlar, com enorme precisão, o trabalho de máquinas-ferramentas; assinalar defeitos nos trabalhos executados e corrigi-los retroactivamente; coordenar o trabalho de máquinas individuais; os mais complexos, enfim, podem tomar decisões de substituição em função das intruções recebidas. Estes dispositivos ampliam as possibilidades do controle e abrem futuras e grandes perspectivas.

A fábrica inteiramente automática é um sonho; o elemento humano será sempre necessário num ponto ou noutro. Mas os novos dispositivos podem reduzir o trabalho de rotina até agora executado pela inteligência humana. A Automatização age, neste caso, da mesma maneira que a mecanização o fez em relação ao trabalho físico.

A segunda pergunta formulada pretende a determinação do ritmo provável do avanço técnico e dos limites da acção do homem na manutenção e orientação dos seus substitutos electrónicos.

Em alguns sectores de actividade, a automatização é já bastante praticada mostrando a experiência existirem outras atribuições para os homens substituídas pelas máquinas.

Uma refinaria de petróleo é um exemplo. Nela se vêem, simultaneamente, os limites até onde podem ser levados os processos automáticos e as vantagens obtidas. Quatro equipas de uma meia dúzia de homens, trabalhando por turnos, são capazes de dirigir unidades de destilação para tratamento de 20.000 toneladas de petróleo bruto por dia. Este «milagre» é possível graças ao desenvolvimento do

SERVINDO A LAVOURA A Monda dos Frutos

pelos engenheiro-agrônomo J. Duarte Amaral, vice-presidente da J. N. das Frutas
(Transcrito do «Boletim Agrícola», publicação mensal da Shell Portuguesa)

SEGUNDO uma tendência natural de propagação as árvores produzem normalmente frutos em grande número.

Fica deste modo mais bem assegurada a perpetuação da respectiva espécie. Mas o fruticultor, pretendendo sobretudo que a árvore lhe forneça, não o maior número possível de frutos, mas o maior número possível de frutos comerciais.

Com este propósito efectua uma prática cultural, vulgarmente designada «monda dos frutos», (por analogia com a eliminação das ervas ruins concorrentes das plantas cultivadas), a qual tem por fim arrancar da árvore os frutos que ela não poderá criar em condições de satisfazerem o pomicultor. Melhor se diria talvez «desbaste de frutos», pois é dum verdadeiro desbaste que se trata, similar ao que se efectua em numerosas plantas hortícolas a fim de criar as remanescentes melhores condições de vegetação.

A prática da monda não está muito generalizada entre nós. E a explicação reside na repugnância do fruticultor em destruir por suas mãos a promessa de riqueza aparente que uma frutificação abundante lhe oferece. Aceitamos que a operação tenha de facto algo de cruel.

Mas está provado que em certas espécies a operação é altamente remuneradora. Com a eliminação de uns tantos frutos, os que ficam criam-se em muito melhores condições, e após a colheita renderão bastante mais, cobrindo não só o prejuízo resultante de serem em menor número, como deixando ainda razoável margem o lucro.

As vantagens da monda podem resumir-se assim:

- a) Aumenta o tamanho dos frutos.
- b) Melhora a sua qualidade e origina frutos de tamanho mais uniforme.
- c) Dá maior facilidade no combate aos parasitas, uma vez que os frutos não se tocam.
- d) Combate a tendência para a alternância das colheitas.

Compreende-se que a monda exerça influência no tamanho, na qualidade e na uniformidade da colheita. De facto são as folhas que elaboram os princípios à custa dos quais se desenvolvem os frutos.

Adaptando o número de frutos às possibilidades das árvores, temos que cada um deles pode contar com um número de folhas capaz de lhe fornecer todos os materiais de que necessita para se formar e adquirir as propriedades sápidas características.

Daí o ser natural que todos os que ficarem, colocados em igualdade de condições, consigam boa qualidade e tamanho análogo.

Calcula-se que o número de folhas capaz de assegurar bom desenvolvimento aos frutos se situe entre 20 (pessegueiros) e 50 (macieiras).

A época da monda deve ser escolhida de modo a que não se efectue cedo que, associada a outros «desbastes» inevitáveis possa provocar uma colheita diminuta, nem tão tarde que já não consiga os objectivos pretendidos.

A época indicada é em Maio ou em Junho, após se dar a «queda natural dos frutos».

Esta é uma espécie de monda efectuada, naturalmente, pela própria árvore, que se alivia assim dum parte da colheita. Só depois dela se deve efectuar, se for necessária, a monda dos frutos.

A monda deve iniciar-se pela eliminação, em primeiro lugar dos pequenos frutos menos desenvolvidos, dos doentes e das deformados. A seguir eliminam-se os que estiverem muito juntos, e destes os mais mal situados e que portanto não poderão adquirir boas características de coloração.

A intensidade da monda deve ficar ao critério do fruticultor que deverá efectuar, nos primeiros anos, experiências da monda em diversos ramos, a que aplicará intensidades de monda diferentes a fim de apreciar os resultados.

Na monda há que tomar em consideração que algumas das nossas regiões frutícolas são muito ventosas e que, à queda natural se junta

a queda pela acção do vento, nalguns anos muito importante.

As espécies em que mais valerá a pena efectuar a monda são:

Pessegueiros: Uma das espécies cuja produção mais valorizada fica com a monda. Esta deverá deixar a cada péssimo um espaço de 10 a 12 centímetros para que se desenvolva em boas condições.

Damasqueiros: Beneficiam também com a monda, devendo-se deixar a cada fruto um troço de 5 a 8 centímetros.

Macieiras: Outra espécie cuja produção beneficia grandemente com a monda. Deixar a cada fruto um troço 12-15 centímetros; em cada esporão não deve ficar mais do que um fruto, excepcionalmente dois.

Pereiras: Nesta espécie a monda só é aconselhável em anos de produção muito abundante. Adop-

as indicações indicadas para as macieiras.

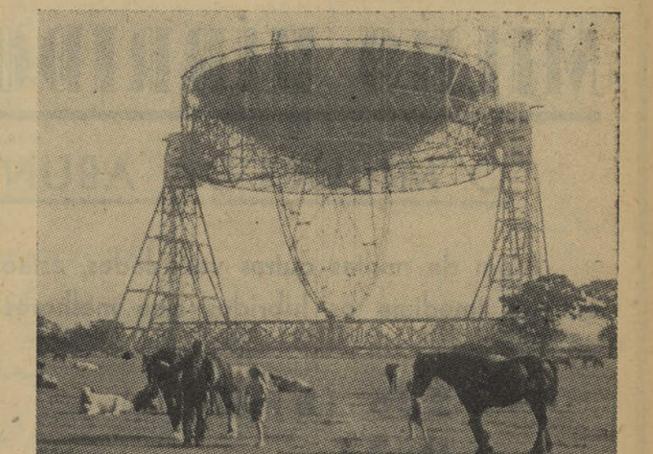
Ameixas: A monda só é aconselhável nalgumas variedades mais valiosas, ou quando houver necessidade de defender as árvores do perigo de quebrarem pelo peso excessivo da fruta. Deixar um fruto em cada troço de 2 a 5 centímetros.

No caso de com a monda se pretender combater a alternância de colheitas, provocada pelo esgotamento da árvore após um ano de grande abundância de fruta, aconselha-se a efectuar a monda mais cedo, eliminando as flores.

Esta eliminação pode fazer-se manualmente ou por meio de produtos químicos como o ácido naftalénico ou os seus sais de sódio. Nos E. U. A. também se empregam os dinitrocresóis que apresentam no entanto o inconveniente de queimarem parte da folhagem.

O MAIOR RADIOTELESCÓPIO DO MUNDO

○ MAIOR radiotelescópio do Mundo instalado em Jodrell Bank, perto de Manchester, atraiu a atenção geral quando começou a seguir o



Ao redor do maior telescópio do mundo, a vida rural prossegue, oferecendo curioso contraste

mento em calote do reflector basta compará-lo com o movimento da lua, erguendo-se acima do horizonte numa noite clara.

rasto dos «Sputniks» russos. Está agora em acção vinte e quatro horas por dia, devassando os mistérios do espaço, até uma distância correspondente a 200 milhões de anos-luz.

Este radiotelescópio tem a forma de uma gigantesca calote, de 75 metros de diâmetro, que gira entre duas torres de aço, cada uma com 54 metros de altura. A calote reflectora pesa 750 toneladas e nela poderiam sentar-se, confortavelmente, dez mil pessoas!

Uma massa lubrificante da Shell, a «Alvania 5», é utilizada nas principais chumaceiras de apoio que suportam o reflector. Essa massa lubrificante, preparada no Centro de Pesquisas da Shell de Thornton (Grã-Bretanha), revela-se a mais capaz para proteger, primeiramente, os rolamentos durante dois anos, período em que o resto da estrutura estava a ser construído, e agora para satisfazer à lubrificação das chumaceiras de apoio, durante os micrométricos movimentos em calote do reflector.

Para se ter uma ideia da velocidade requerida pelo movi-

JÁ SABIA QUE...?

... uma torre de poço petrolífero tem aproximadamente a mesma altura que um bloco de escritórios com 12 andares, ou seja 50 metros?

... as numerosas e variadas substâncias, que dum modo ou de outro podem obter-se do petróleo bruto que extraiamos das profundezas da terra, vão desde os óleos pesados com que se aquecem as caldeiras numa grande geradora até às matérias primas, meticulosamente preparadas por processos químicos, que servem para o fabrico de um par de meias de Terylene. Entre estes dois extremos existem cerca de 2.000 produtos petrolíferos.

... em cada semana vendem-se, no mundo livre, mais de 4 1/2 milhões de litros de Shell X-100.

... um homem consome, durante a sua vida, muitos e muitos litros de petróleo. Ao que parece o nosso primeiro contacto com o petróleo ocorre uns segundos após o nosso nascimento — quando nos dão o primeiro banho dentro duma banheira feita dum produto derivado do petróleo.

... os taoístas e budistas da Maláia queimam milhões de velas, todos os anos, no cumprimento de ritos religiosos e festivos. Muitas fábricas locais, sobretudo em Malaca, utilizam a parafina da Shell para fazerem velas de colorido especial e cheias de ornatos.

A Câmara Municipal de Loulé realizou no ano findo uma obra proveitosa para o concelho

Conclusão da 1.ª página

celho e informa que, devido à participação tardia do Estado, só este ano deve ficar completa a primeira fase da electrificação, que inclui a construção da linha de alta tensão Loulé-Salir-Alte, respectivas redes de baixa tensão, incluindo Boliquireme, e os necessários postos de transformação e uma subestação na central eléctrica de Loulé para transformação da energia fornecida pela C. E. A. L. O projecto da segunda fase aguarda comparticipação e a Câmara vai fazer uma diligência junto do sr. ministro da Economia a fim dessa comparticipação não demorar. Esta segunda fase compreende a electrificação de Tor (Querença), Goncinha e Areiro (S. Clemente) e Vale d'Eguas e Almancil (Almancil). No que respeita à distribuição em baixa tensão, deliberou a Câmara reservá-la para si e espera, com o saldo do empréstimo de 3.000 contos, fazer face à iluminação da Avenida José da Costa Mealha, cujo projecto já foi comparticipado.

O sector da instrução pública mereceu especial carinho à Câmara Municipal

A instrução pública mereceu à Câmara Municipal um especial cuidado e vale a pena transcrever o que se diz no relatório:

«Concluídos os edifícios escolares do Plano dos Centenários em Espargal, Sarnadas, João Andrez, na freguesia de Alte, Goldra, na freguesia de S. Clemente e Vale Silves (S. Faustino), na freguesia de Boliquireme, deu-se início à construção de mais três edifícios, integrados no mesmo plano, em Querença (sede da freguesia), Azinhal, na freguesia de Alte, e Patá, na freguesia de Boliquireme, tendo-se quase ao mesmo tempo promovido diligências no sentido de se obter a construção de um edifício de oito salas, na sede do concelho, na área da freguesia de S. Sebastião, e, para tanto, procedido à escolha do terreno, esperando-se que esta já velha aspiração da nossa Câmara venha a ser satisfeita.

«Está em vias de conclusão a construção de um edifício destinado à cantina escolar, na sede do concelho, implantado junto do edifício escolar do Plano dos Centenários situado na Campina de Cima, na área do bairro de habitação de famílias pobres, melhoramento que, há bastante tempo pedido, veio a ter a sua realização nesta ge-

rência, inteiramente custeado pelos cofres do Estado.

«No sector da instrução secundária tivemos a felicidade de ver concretizada uma das mais velhas e acarinhadas aspirações do nosso concelho, que é a criação da Escola Industrial e Comercial de Loulé, melhoramento que, desde 1912, os gerentes municipais pediam com o mais vivo interesse, reconhecendo-se, desde então, os benefícios que nos adviriam no caso de se conseguir essa criação que, com certeza, há-de vir elevar o nível cultural dos nossos artifices com a consequente projecção nas indústrias locais.

«A Câmara não olhou a esforços e sendo necessário arranjar instalações provisórias para início de funcionamento da nossa Escola Técnica, encarou o problema com coragem e espírito de sacrifício e, sem perda de tempo, aproveitou o edifício da antiga Escola Conde de Ferreira, que reparou e adoptou para o efeito e, embora tais obras bastante vão pesar no orçamento municipal, não se deixou perder a oportunidade esperada há mais de quatro décadas».

Os melhoramentos nas freguesias

Durante o ano foram realizadas diversas obras nas freguesias e prossegue a obra de reparação da estrada municipal que liga Quarteira a Almancil, a qual encerrará bastante o percurso para Quarteira das pessoas que do lado de Faro se dirigem para esta praia. Também continua a reparação da estrada Loulé-Salir e executou-se a segunda fase do projecto de reparação da estrada municipal entre Palmeiral e Soalheira, no sítio da Varejota.

Quanto ao abastecimento de água a Salir, existe a hipótese de um grande plano de abastecimento de água a abranger as povoações adjacentes a Salir e Alte. Para a freguesia de Boliquireme foi elaborado o anteprojecto do abastecimento de água já entregue na direcção dos Serviços de Salubridade.

Espera a Câmara este ano obter a aprovação dos antepiano de urbanização da sede do concelho e de Quarteira. Este permitirá fixar directrizes sobre a urbanização desta estância balnear.

E o relatório conclui com estas palavras sensatas do presidente do Município:

«No decorrer de um ano de actividade muito se idealiza e muito se útil se poderia levar a efeito se o nosso labor não tivesse que sofrer

NECROLOGIA

Faleceram:

Em VILA REAL DE SANTO ANTONIO — a sr.ª D. Luísa Rosa do Carmo Fernandes, de 82 anos, viúva do sr. Rafael António Fernandes, natural e residente na mesma vila. A extinta era mãe dos srs. Rafael António Fernandes, despachante da Alfandega, Manuel António Fernandes, ausente em Marrocos, Francisco António Fernandes, sapador-bombeiro em Lisboa, José Luís Fernandes, pintor e da sr.ª D. Rosa do Carmo Fernandes Pessanha, e sogra das sr.ªs D. Elvira do Carmo Oeiras Fernandes, D. Maria José Lourenço Fernandes e D. Maria Rita Martins Toledo Fernandes e do sr. José Fernandes Pessanha.

Funeral a cargo da «Agência Viegas».

Em FARO — o sr. capitão do Exército, aposentado, José António Simões Neves, de 79 anos, natural de Quarteira (Loulé) e residente naquela cidade. O extinto era pai do sr. professor dr. José de Barros Neves, lente da Universidade de Coimbra e irmão da sr.ª D. Maria dos Anjos Neves, professora oficial do ensino primário e do sr. Cristóvão António Neves, sargento do Exército, ambos aposentados e residentes em Vila Real de Santo António.

Em LISBOA — o sr. João de Brito, de 81 anos viúvo, natural de Vila Real de Santo António, onde residia. O extinto era pai dos srs. Manuel e António do Carmo Brito.

As famílias enlutadas apresentam *Journal do Algarve* sentidos pésames.

as limitações que as receitas auferidas impõem a quem queira sair do verdadeiro critério do equilíbrio orçamental da despesa com a receita. Pode, é certo, realizar-se obra de maior vulto, momentaneamente, para depois estagnar na inação a que o há-de conduzir um período mais ou menos longo destinado ao pagamento de dívidas, com a consequência triste de ter provocado um desequilíbrio administrativo que os poderes centrais condenam.

«Na gerência a que este relatório alude procurou-se manter, como vinha sucedendo anteriormente, o equilíbrio orçamental, embora uma série de circunstâncias eventuais nos tenham dado preocupação de carácter económico.

«Ao findar o meu relatório posso informar V. Ex.ªs de que muito mais poderíamos ter feito se as receitas correspondessem à nossa capacidade realizadora; no entanto como tal não foi possível tivemos que trabalhar dentro das limitações que as dotações orçamentais nos impunham».

A urgência da construção de bairros em Vila Real de Santo António e Armação de Pera

Conclusão da 1.ª página

tender a mão à caridade pública. Entre as instituições do nosso País, a que melhor tem demonstrado a sua actividade construtiva e a união dos seus associados é a dos pescadores, não só pelo número de sócios, como, também, pela proficiente gerência dos seus chefes e muito especialmente pela inteligente orientação do seu presidente, sr. comandante Henrique Tenreiro. Graças à sua acção e ao amor que dedica à causa dos pescadores, estes deixaram de ser aquela classe abandonada e que, muito embora lutando com todo o ardor das suas forças, enfrentando esse gigante muitas vezes enfurecido em lutas rudes, titânicas, arriscando a vida a cada momento para ganhar o pão de cada dia, esse lutador incansável, o pescador, quando na velhice, depois de tanto contribuir, com o seu árduo trabalho, para os cofres do Estado e para o bem da Nação, ficava desprezado e esquecido a um canto, enrolado no seu gabão já velhinho e endurecido como as suas barbas brancas crestadas pelas noites de inverno passadas sobre o mar. Ali ficava como animal inútil, a estender a mão à caridade dos moços que partiam para a faina, essa faina que ele tanto amou dedicando-lhe toda a sua energia. E com os olhos raios de lágrimas, via-os partir nesses barquinhos de velas brancas aonde ele passara tantas vigílias embalado ao murmurar das vagas; e cheio de saudade, descaía sobre o peito a sua cabeça velhinha esperando apenas que... chegasse o dia fatal — a morte.

Hoje o pescador é uma classe representativa e orgulha-se de ter uma orgânica associativa das mais perfeitas do País, consubstanciada na *Junta Central das Casas dos Pescadores*, que lhes dá assistência médica e remédios, etc., que os recompensa dos prejuízos causados pelo vendaval, que os auxilia na compra de barcos para a sua labuta, que cria escolas para educação e cantinas para alimentação dos seus filhos, que edifica bairros de moradias higiénicas para suas habitações, que lhes dá a reforma na velhice, etc., e continuará sempre neste louvável progresso para melhorar e garantir a vida e o futuro dos seus associados.

Como o Algarve é a província do nosso País que maior densidade de marítimos possui, assim como maior número de portos de pesca, espera-se que a atenção do sr. comandante Henrique Tenreiro se volte um pouco mais para o seu litoral, aonde existem portos de pesca de grande importância que ainda não possuem bairro nem Casa de Pescadores. Cito, em especial, o segundo porto de pescadao do País: Vila Real de Santo António, essa terra maravilhosa que, à luz matutina do sol nascente, se espelha orgulhosa da sua traça pomalina nas águas plácidas do Guadiana, terra edificada na orla fronteiriça à vizinha Espanha, a dois passos da sua amiga Aiamonte, visitada todos os anos por milhares de estrangeiros que admirariam e elogiariam nos seus países o artístico bairro e a sede dos pescadores, elevando, assim, o prestígio e o orgulho da classe de que o ilustre oficial da marinha é presidente. E' justo pois que se dote a vila pomalina com um bairro e Casa de Pescadores.

Quanto a Armação de Pera, terra

de humildes pescadores, não se esqueceram ainda estas da concessão dum bairro de 22 casas que, se não foi construído, deve-se à Câmara de Silves não ter adquirido o terreno para tal fim. Falando, há dias, no assunto ao presidente da Câmara, sr. dr. Carlos Alberto de Lucas Lança Falcão mostrou-se este muito interessado em auxiliar a construção desse bairro, assim como em todos os benefícios para o engrandecimento do concelho. Presentemente a sua maior preocupação é a obra da água canalizada às sedes das freguesias, e se os trabalhos ainda não começaram, não se deve atribuir a culpa à Câmara, mas sim à demora da elaboração do projecto. E, como esta demora vem causar grandes prejuízos a esta praia, pois estamos na contingência de ver fugir a importante verba de 14 mil contos dum companhia estrangeira que se propõe construir um grande e moderníssimo hotel e outros melhoramentos nesta praia, aqui apelamos para a boa vontade do sr. eng. Artur Alves Ribeiro, de Lisboa, para que abrevie, quanto antes, o projecto do abastecimento de águas às povoações do concelho de Silves, a fim de que esta obra de vital importância comece a executar-se ainda este ano.

Eurico Santos Patrício

CLUBE RECREATIVO LUSITANO

Terminou os seus trabalhos na sessão do dia 1, a Assembleia Geral extraordinária iniciada em 24 de Fevereiro no Clube Recreativo Lusitano para decidir, como informámos, quanto à extinção ou continuidade do mesmo.

Reaberta a Assembleia, foi lido o relatório da comissão encarregada de avistar-se com o sr. José A. Ritta, proprietário do edifício onde o antigo «Grémio Lusitano» tem a sua sede, documento que historiou a fase crítica atravessada pelo Clube, e em cujo final eram apresentadas propostas, elaboradas pela comissão e actuals corpos gerentes, no sentido de poder ser delibada a crise, algumas das quais resumimos:

«Que no Clube fosse criado um restaurante privativo para sócios, famílias e forasteiros apresentados pelos sócios, cuja renda constituiria parte da mensalidade a pagar ao senhorio.

«Que a antiga cota de 10\$00 fosse elevada para 15\$00, o que permitiria a efectivação de vários melhoramentos, nomeadamente a aquisição de novo mobiliário, e a constituição de um fundo para festas e actividades culturais.

«Que fosse louvado o proprietário do prédio onde funciona o Clube, pelo interesse manifestado, como sócio deste, na sua sobrevivência e pela generosidade demonstrada ao desistir da cobrança das rendas em atraso».

Todas as propostas foram aprovadas, sendo a última alterada no sentido de o louvado passar a sócio benemérito do Clube.

Regozijamo-nos sinceramente com os resultados da Assembleia, que dentro de dias voltará a reunir para eleição de corpos gerentes, e fazemos votos para que as novas instalações do Recreativo Lusitano que, estamos certos, honram Vila Real de Santo António e o Algarve, sejam em breve inauguradas.

3 produtos especiais para a comodidade de quem usa Dentes Postiços
 Compre hoje mesmo em qualquer Farmácia ou Drograria:
POLIGRIP CREME ou **PÓS DR. WERNET**, dois fixadores admiráveis e sem similares.
 Use também **POLIDENT** — Para a limpeza diária da sua dentadura.

TUBOS E POLIETILENE
PLAROP
VELA

O Campeonato da IYRU

Conclusão da 5.ª página

reclia mais atenção do que alguns lhe querem dar. Até aqueles velejadores que tudo devem à vela da O. N. M. P. e que dela beneficiaram, chegados a dirigentes com influência na F. P. V. e nos clubes, esquecem-se do que poderiam fazer pelo «reagrupamento dos que saem dos Centros de Vela da Organização».

Os vinte e dois anos de impulso dado à vela com a obra da Mocidade Portuguesa, parece terem chegado para saturar os jovens desses primeiros entusiasmos, que hoje são os técnicos do desporto da vela, onde não pugnam pelos direitos dos que velejam (como eles fizeram) em barcos de pequeno porte, tão preocupados andam com a distribuição das verbas do Estado pelas classes de barcos de maior porte, que mais convém aos seus interesses pessoais de regata.

Falando de Portugal num quinzenário de publicação recente (o A. P. N.), escreve um entusiasta inglês ao pôr em foco a importância da Exposição anual em Londres de barcos de recreio: «Visitaram a exposição da marinha de recreio cento e oitenta e cinco mil pessoas, que colocaram cerca de dois milhões de libras esterlinas de encomendas, vindas de todo o mundo. Portugal com a sua maravilhosa história e tradições marítimas teria decerto interesses em seguir tal desenvolvimento, procurando possuir uma indústria, e mantendo-a, para que do conjunto (desportos do mar e indústria) brote na mocidade o amor pelas coisas do mar».

Que pena! Por nos faltar o «presente», continuam a elogiá-los o passado. Não será tempo de se convencerem os dirigentes do desporto que alguma coisa de novo há que fazer com as interessantes verbas que a generosidade do Estado dispense com a Vela, do que aquilo que faz? Apoiar o Algarve poderia ser o começo, descongestionando Lisboa-Cascais por algum tempo. Pelo menos Cascais, em relação ao todo, já recebeu demais!

Rodolfo Fraçoso

Emílio Campos Coroa
MÉDICO ESPECIALISTA
DOENÇAS DOS OLHOS
 Consultas às 11 e às 15 horas
 Rua Filipe Alistão, 27 - FARO
 Telefone 475

Cine-Foz
 DOMINGO, o filme policial perfeito premiado no Festival de Berlim, *O segredo e a chave*, com Jack Hawkins. (Para 17 anos).
 TERÇA-FEIRA, em super-cópio, *A flecha sagrada*, com Sarita Montiel e Rod Steiger. (Para 17 anos).
 QUINTA-FEIRA, em cine-mascópio, *O grande circo*. (Para 17 anos).

MILHO HÍBRIDO IRPAL

O MILHO DA ABUNDÂNCIA

Além de muitas outras variedades, estão já em armazém para entrega imediata os híbridos que melhores resultados têm dado no Algarve:

- 206 (branco)
 - U-32
 - U-41
 - Wisconsin 641 AA
- (amarelos)

Por alguma razão de peso numerosíssimos lavradores desta Província preferem apenas essas excelentes variedades.

NITRATO DE CAL DA NORUEGA

Poderoso fertilizante com 15,5% de Azoto total (14,75% nítrico e 0,75% amoniacal)

É o adubo de cobertura ideal para rápidos efeitos, com a vantagem de não acidificar as terras.

Com o Nitrato de cal da Noruega não há más colheitas!

Dirigir pedidos e solicitar informações a:

IRPAL - Industrias Reunidas de Produtos para a Agricultura, S. A. R. L.

Travessa do Almada, 20-2.º - LISBOA - Telefones 31167-31168

PRÉDIO

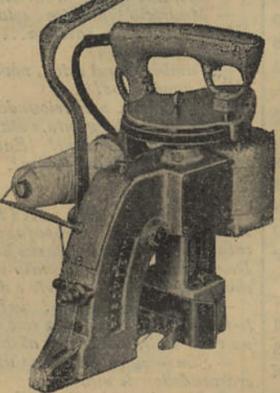
Rés-do-chão e primeiro andar, doze divisões por piso, acabado de construir.

Vende e informa, Emiliano Feliciano Pereira, Rua Artilharia 1, n.º 14.

VILA REAL DE SANTO ANTONIO

MÁQUINA PORTÁTIL «FISCHBEIN» DE FECHAR SACOS

UMA MARAVILHA DA INDÚSTRIA AMERICANA



- Pesa menos de 5 kg.
- Pode fechar todos os tipos de sacos de fibras têxteis e de papel.
- É de manejo fácil e a sua manutenção é simples.
- Há milhares destas máquinas em serviço em todo o Mundo.

AGENTES EXCLUSIVOS:

SOCIEDADE VICTOR, Limitada

Av. António Augusto de Aguiar, 25-A - LISBOA - Telef. 51223

Representantes no Norte do País:

Soc. Comerc. de Representações José Soares, Limitada

Rua Rodrigues Sampaio, 169, 2.º - PORTO - Telef. 28091

E a "maratona" continua!

Olhanense-Boavista e Guimarães-Farense na primeira jornada da fase final

Sob a presidência do sr. major Pascoal Rodrigues, vice-presidente da F. P. de Futebol, realizou-se, na sede da Federação, o sorteio do campeonato nacional da II divisão (última fase), que deu o seguinte resultado:

1.º dia: OLHANENSE-Boavista; Atlético-Covilhã e Vitória-FARENSE; 2.º dia: Boavista-Atlético; FARENSE-OLHANENSE e Covilhã-Vitória; 3.º dia: Vitória-Boavista; Atlético-OLHANENSE e FARENSE-Covilhã; 4.º dia: Boavista-Covilhã; OLHANENSE-Vitória e Atlético-FARENSE; 5.º dia: FARENSE-Boavista; Covilhã-OLHANENSE e Vitória-Atlético.

Na primeira volta, os jogos realizam-se no campo dos clubes indicados em primeiro lugar.

Antes do sorteio, foi apreciado o pedido da Associação de F. de Faro no sentido de que não se realizasse jogo em Faro no mesmo dia que em Olhão e vice-versa. Tendo sido deferido este pedido, o delegado do V. de Guimarães propôs que a fase final começasse no dia 16, a fim de se proporcionar algum descanso aos atletas. Com a oposição dos delegados do Farense e Covilhã, este pedido não resultou, pelo que o campeonato começará amanhã.

Fornecedores: pelo Farense, o sr. dr. Justino da Silva Ramos e pelo Olhanense o sr. dr. José Barbosa.

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

FUTEBOL

Campeonato Nacional (II Divisão)

FARENSE e OLHANENSE as duas mais cotadas turmas da representação Sul

na última fase da II Divisão

Ficha da última jornada
 Farense, 5 — Coruchense, 1
 Marcadores: Armando (3) e Tarro (2). Os melhores: Isaurindo, Ventura, Francisco, Armando, Brito e Queimado.
 Estoril, 4 — Olhanense, 2
 Marcadores: Ângelo e Carinho. Os melhores: Bento, Costa e Ângelo.
 Portimonense, 4 — Serpa, 1
 Marcadores: Romão (3) e J. António. Os melhores: Camarinha, J. António e Arquimínio.

Primeiro classificado da zona Sul SPORTING CLUBE FARENSE



O Sporting Clube Farense, possuindo uma equipa voluntariosa, estruturada, desenvolvendo o seu jogo em velocidade, tornou-se — mercê do padrão de jogo em profundidade, prático — numa turma concretizadora, que ao longo deste campeonato foi sempre temida pelos adversários.
 Repetindo a proeza da época transacta, os farenenses dão-nos alentadoras esperanças quanto ao futuro. Os algarvios acalentam o sonho de um Algarve futebolístico maior, e os briosos atletas farenenses têm a palavra...

VELA

O Campeonato da Europa da IYRU DEVE SER FEITO EM FARO



O desporto da vela em barcos para gente moça e a posição portuguesa nos campeonatos oficiais europeus da I. Y. R. U.

COM o grande desenvolvimento do desporto de competição em pequenos botes à vela que, em importância de números excedem em muitas centenas de milhar tudo o que existe no mundo da vela de recreio noutros tipos de barco, decidiu a I. Y. R. U. (Confederação Internacional do desporto de regatas em barcos de recreio) criar competições anuais entre os países da Europa seus filiados, com o fim de eleger todos os anos os campeões oficiais da IYRU em botes de patilhão móvel, embarcando 1, 2 ou 3 tripulantes.

Pelas suas características simples e «relativo» pequeno custo, os botes de patilhão móvel (dinghies) são os que mais adeptos contam entre a mocidade viril de todas as nacionalidades que pratica vela por desporto. Detemo-nos na expressão «MOCIDADE VIRIL» porque raríssimos são os velejadores que, passados os alvares dos trinta anos, conseguem manter-se em boa forma para poderem tomar parte em competições internacionais, com quaisquer possibilidades de ganhar prémios em barcos tão pouco estáveis, e ainda menos enxutos quando o vento sopra rijo e levanta mareta.

Após vários estudos e debates internacionais no seio das conferências anuais da IYRU (a algumas das quais Portugal esteve presente em Londres), evoluiu-se de uma proposta aprovada na reunião de 1949 (em que ficou assente que para uma regata, ou campeão, em qualquer tipo de barco, poder ter o direito ao título de internacional deveria a prova, regulamento e classificação serem homologados pela IYRU, determinação de que poucos fizeram caso, fiados na importância das classes, as quais, ao fim e ao cabo, pediram para fazer parte da lista da IYRU de classes internacionais) para a ideia que a todos pareceu mais desportiva de realizar, e que era: criar a IYRU os seus próprios campeonatos oficiais na Europa, restringindo os barcos a classes de patilhão móvel, com 1, 2 ou 3 tripulantes, escolhidos pelos países organizadores filiados na Confederação de Londres, barcos que a IYRU aprovasse.

Afastava-se com esta segunda ideia a hipótese dos campeões da Europa poderem ganhar prémios à custa de melhores barcos e melhores velas, transformando o desporto numa competição de gente de meios e construtores de barcos, relegando para segundo plano a sorte e jeito de cada um. Nos campeonatos oficiais europeus da IYRU, o país organizador coloca à disposição dos velejados dos países inscritos na «rota» uma série de barcos e velas iguais ao número de concorrentes, sendo as regatas a correr, tantas quanto o número dos que correm, trocando-se os barcos logo após a primeira regata, por sorteio, para que todos, e cada um, corram em todos os barcos. O campeão saído destas provas é, de facto, um verdadeiro ás internacional europeu, sem lhe podermos atribuir a vitória ao privilégio de possuir um melhor barco, e coloca-se na mão do Destino o resultado por sorte de cada um, quanto a ventos e marés.

Por uma circular de 4 de Agosto de 1955, foi dado conhecimento a Portugal do sorteio das nações em relação aos anos em que deveriam realizar as suas provas e escolher

por RODOLFO FRAGOSO sócio de mérito da A. N. L. e sócio vitalício da IYRU

os barcos, e coube à Federação Portuguesa de Vela;

a) O ano de 1958 para realizar os campeonatos em barcos de 1 só tripulante.

b) O ano de 1965 idem idem em barcos de 2 ou 3 tripulantes.

A F. P. V. não só aceitou os seus anos de sorteio, como não desistiu de realizar os campeonatos deste ano que decorre.

Poder-se-ia atribuir a não desistência da FPV até ao limite de tempo em que o poderia ter feito (30 de Setembro de 1957) a ter a certeza de poder financiar as provas, pois em fins de Setembro passado já sabia quanto lhe tinham custado as deslocações ao estrangeiro, as regatas no País, e a quinzena internacional de Cascais, despesas que somadas aos encargos das gerências anteriores, dos Jogos Olímpicos, importam no total de 554.246\$20, segundo o relatório e contas apresentados em 31 de Dezembro de 1957. O que se não explica facilmente é o boato de que Portugal nada fará, excepto a triste figura de não cumprir datas, nem organizar o campeonato este ano, comprometendo-se e comprometendo a IYRU.

Foi motivado por este boato que nos aparece o Algarve (a Secção Náutica do Sport Lisboa e Faro e a Associação Portuguesa da Classe «Moth») a oferecer-se para cooperar com a Federação de Vela, poupando-lhe parte da maior despesa (a de mandar construir todos os barcos), pois se oferece para conseguir dos proprietários da série de «Moths» que está a fabricar, que concordem num tipo único de barco (talvez o «Orion») e os cedam para as provas em questão. Isto não só apreciaria o valor dos barcos, por terem servido a uma competição internacional de importância, na classe dos botes de patilhão móvel, como daria um enorme ímpeto à classe «Moth», que a Federação se comprometeu a desenvolver, por ser a que mais se presta, pelas suas características e preço económico, a resolver o problema da continuação da obra da O.N.M.P. dentro dos clubes. Obra essa que continua incompleta.

Muitos rapazes que poderiam ter um barco e continuar dentro dos clubes a realizar o seu gosto pela vela, auxiliando a desenvolver os 37 clubes federados, e passando mais tarde a dirigentes, após criarem amizade a esses clubes, saem da Mocidade sabendo velejar, mas pouco a pouco perdem o contacto com o desporto da vela por não possuírem um barco seu. Temos na vela da M. P. uma obra que merece ser completada.

COLUMBOFILIA

Abertura da campanha desportiva de 1958

Com a prova de Évora a Vila Real de Santo António, no total de 157 kms., o Grupo Columbófilo Guadiana inicia, amanhã, a campanha desportiva de 1958. Nesta campanha serão atribuídos prémios aos quatro primeiros classificados e diplomas a 20% dos restantes.

Campeonato Nacional da III Divisão

Moura, 2 — Silves, 0

Realizando partida bastante interessante, o Silves discutiu, palmo a palmo, o resultado final do encontro. Ao fim e ao cabo claudicou, como claudicam todas as equipas cujos ataques não realizam, frustrando dessa maneira, os melhores vaticínios. — C.

S. Domingos, 1 — Lusitano, 2

A jogar contra o vento, o Lusitano realizou um jogo vistoso, merecendo, amplamente, a vantagem dos dois golos que usufruiu ao intervalo. No segundo meio tempo a sua toada de jogo deixou de ser tão objectiva, por motivo do afunilamento provocado pelos avançados, frente às redes adversárias. Mesmo assim, um terceiro golo surgiu — o melhor do encontro — a pontapé fulminante de Ludgero. O golpe de teatro deu-se então! Quando os jogadores se encontravam prontos a reatar o jogo segundo indicação do árbitro, este, que até então fizera uma arbitragem impecável, a conselho do «bandeirinha» do lado da bancada, anulou o golo! Assim, com uma decisão de autêntico anjinho, o árbitro transformou, enganosamente, o resultado da partida, pois também o golo do S. Domingos, obtido nos derradeiros minutos do encontro, só foi possível em virtude de Gomes da Costa ter sofrido uma carga fora de tempo, que o árbitro, completamente desorientado, não assinalou.

Todos os jogadores algarvios procuraram cumprir, destacando-se Gonçalves como o melhor dos vinte e dois. — C.

Unidos, 0 — Desportivo, 1

O campo municipal, regorgitando de adeptos entusiasmados das duas turmas, cuja rivalidade toma aspectos de apaixonado delírio, roçando o fanatismo, foi palco de mais um espectáculo, onde o principal protagonista — o nervosismo — ditou a sua lei ao longo de toda a partida. A exibição do Unidos — cuja posição no topo da tabela ficou gravemente comprometida — foi muito discreta, embora alguns elementos se esforçassem numa luta inglória. E' já tradicional o complexo de inferioridade de que os unidenses enfiaram perante os seus adversários locais. Para não fugir à regra, mais uma vez se inferiorizaram, faltando-lhes «garras», clareza e principalmente espírito de sacrifício nos lances supremos e, quiçá, um pouco de «chance» nos derradeiros minutos, pois por duas vezes o empate esteve à vista, negando-se-lhes com incrível obstinação. De facto, um «nulo» seria o desfecho justo, porquanto ambas as turmas se igualaram no balanço geral da contenda. O Desportivo fez uma primeira parte exuberante de recursos físicos, com os sectores atacante e defensivo a actuarem cheios de confiança, e, quando menos se esperava, surgiu

Nacional de Juniores

Olhanense e Esperança de Lagos NA BERLINDA!!!

Depois do sorteio dos jogos do Nacional da II Divisão, realizou-se o sorteio para o Campeonato Nacional de Juniores, que na Zona Sul, 8.ª série, nos oferece os seguintes jogos:

1.º dia: ESPERANÇA - Lusitano de Évora e OLHANENSE - Despertar. 2.º dia: Lusitano-OLHANENSE e Despertar-ESPERANÇA. 3.º dia: Despertar-Lusitano e OLHANENSE-ESPERANÇA.

O campeonato inicia-se amanhã, e os jogos realizam-se nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar.

TUBOS DE POLIETILENE



A FAMA dos vinhos do Algarve

Continuação da 6.ª página

a Deus que, hoje, eu tenho já razões para estar virando de ideias. Há dois dias que venho no Algarve, e onde quer que coma, na mesa está sempre esta delícia. Meu amigo, isto não é vinho: é um milagre do Sol transmitido em toda a sua pureza, até junto de nós, por este povo que sabe receber!

A verdade é que o nosso compatriota saudoso tinha razão. O vinho é puro e incontestavelmente agradável. Bem supomos, contudo, que o segredo das suas constantes virtudes esteja em não se lhe alterar a pureza originária como pretexto dos 12º mínimos, ou melhor, dos 12º máximos, acontecimento excessivamente vulgar em outras latitudes, mas que no Algarve, pelo visto, não é ainda, e oxalá nunca o seja, do domínio da «técnica» corrente.

De resto, o que aqui se defende quanto a vinhos de mesa, dos quais o turista não terá razões de queixa no extremo sul do País, é uma questão de qualidade e não de grau.

Sim, do vinho não tem o turista razão de queixa. Mas do resto?!

Moura no comando POR QUANTO TEMPO?...

implacável, um tanto contra a corrente do jogo, um golo — que seria o da vitória — rasteiro, enfiado, que, tabelando no poste da baliza, ultrapassou o risco fatal, surpreendendo o guardião unidense. Na segunda parte, a preocupação dominante foi segurar o resultado. Assim, num ferrolho esplêndido, as avançadas do Unidos eram rachadas com autoridade por uma defesa cuidadosamente organizada. O que é palpável no embate dos jovens rivais, é a extraordinária confiança que o Desportivo deposita em si mesmo, fazendo — como vulgarmente se diz — das tripas coração e jogando com estoicismo e noção das responsabilidades sempre

que se realiza um «derby». Ao invés, algumas unidades do Unidos, mostram-se letárgicas, alheias à luta, numa insensibilidade que tem algo de esquisito — caso flagrante de Agostinho e J. António, que têm categoria, se assim o entendessem, para resolver um desafio. A arbitragem, atingindo bom plano, coute-se como das melhores que temos visto neste campo. — C.

Aljustrel, 1 — Despertar, 0

Jogos para amanhã

SILVES (8 p.) - LUSITANO (7 p.)
 S. Domingos (4 p.) - DESPORTIVO (8 p.)
 UNIDOS (9 p.) - Despertar (3 p.)
 Moura (10 p.) - Aljustrelense (7 p.)

PONTO DE VISTA de que não partilhamos

Conclusão da 1.ª página

maior número de braços, consente uma dispersão mais ampla, embora talvez mais pobre, das possibilidades de compra. E uma das fragilidades da nossa economia reside precisamente na verificação dolorosa de que grande parte da população não dispõe de recursos monetários para adquirir. Se se for para a concentração, que destino daremos a centenas, muitas centenas de operários e operárias, que forçosamente terão que ficar inactivos? Aqui tem o sr. Carlos Rates aquela massa descontente, disposta a aceitar qualquer doutrina considerada subversiva.

Que se reorganize a indústria — de acordo, mas cuidado essa reorganização não nos precipite num despênhadeiro!

E a propósito e porque o sr. Carlos Rates é apaixonado por estes problemas económico-sociais, queremos chamar a sua atenção para o que se está a passar com a monda química. Até há dois ou três anos a laboureira dispndia em salários aos mandadores e às mandadeiras alguns milhares de contos que nenhuma falta lhe ficavam fazendo e que beneficiavam uns milhares de trabalhadores e, naturalmente, o merceiro, o padeiro, o vendedor ambulante de riscados e até os titeres que andam de feira em feira. Pois essa distribuição de dinheiro acabou-se. Com meta dúzia de contos de réis o lavrador resolve hoje um problema que lhe custava até há poucos anos centenas de contos. Mas nem por isso

o pão desceu de preço. O que aconteceu foi o tal fenómeno de concentração capitalista, em prejuízo do interesse comum. Lamenta-se o padeiro, lamenta-se o merceiro e o negregado dos titeres teve que recolher os seus farrapos e o seu humor e ir bater a outra porta. Não há dúvida de que isto é progresso, mas neste caso progresso não significou bem estar e tranquilidade para uns milhares de portugueses. Deu-se precisamente o contrário — o tal fenómeno de inquietação que o sr. Carlos Rates bem conhece.

E se falamos nisto é para reforçar a nossa posição discordante, até certo ponto, da sua maneira de ver. Entendemos que neste transe grave para a economia ocidental todos devem partilhar dos sacrifícios que as circunstâncias impuserem. Sabe o sr. Carlos Rates, como toda a gente sabe, que há na América do Norte cerca de cinco milhões de desempregados e na Alemanha Ocidental aproximadamente 1.200.000. Não avulme a nossa pequenez e o nosso desatino esses números que já se prestam a cogitações nada risonhas. Conselhos que agravam o mal não interessam de modo nenhum; e o ponto de vista do sr. Carlos Rates, neste particular, agrava o mal — é assim como uma monda química entra a gente que tem a sua vida precariamente assegurada na indústria de conservas.

Portanto entendemos que a nossa atitude deve ser de observação, deixando ao esclarecimento dos responsáveis pelo destino do País



BASQUETEBOLE

Ginásio Clube Olhanense Campeão Distrital em 2.ª categorias

Campeonato Distrital S. C. Olhanense, 25

Lusitano F. C., 33 (ao intervalo 9-17)

SCO: Cipriano-Martins-Correia-Brito (4), Costa-Amaro (17), Flávio (2).

LFC: Branco (11) Pinheiro-Gavino (6), Carro (2), Andrade (11), Leal-Belião (2), Albano (2).

Árbitro: Fernando Leitão. Marcador: José Tomás Gouveia. Cronometrista: Joaquim Jacinto dos Santos.

S. C. Farense, 32 C. F. «Os Bonjoanenses», 29 (ao intervalo 11-17)

SCF: Belchior-Gago (8), Afonso (2), Estevinha-Mónica-Eurico (7), Vinhas (6), Bastardinho (9).

CFB: Cunha-Brito (9), Adelino (10), Jesuino (6), Dias (3), Barracosa (1), Bernardino.

Árbitro: Mário José Marcelino. Marcador: José Pedro dos Reis Alexandre. Cronometrista: José J. O'Brien de Oliveira.

C. D. «Os Olhanenses», 50 Ginásio C. O., 40 (ao intervalo 25-17)

CDO: Serrano (8), Madeira-Hernâni (2), Serro (11), Luís do O' (19), Relvas (4) Branco (6), Ramos.

GCO: Franco (6), Gonçalves (10), Frazão-Pinto (16), Lázaro (8).

Árbitro: Manuel Adanjo Inácio. Marcador: José Rosa Gouveia. Cronometrista: António do Nascimento Pité.

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
«Os Olhan.»	10	9	0	1	454-288	28
Farense	10	9	0	1	480-500	28
S. C. O.	11	6	0	5	544-371	22
Lusitano	10	3	2	5	323-325	18
«Os Bonj.»	10	4	0	6	582-585	18
S. L. e Faro	10	2	0	8	535-481	14
G. C. O.	11	1	2	8	279-416	14

O Ginásio C. Olhanense e o Sporting C. Olhanense têm uma falta de comparência.

Jogos para amanhã

S. Lisboa e Faro - S. Olhanense (Campo da Alameda - Faro). Lusitano F. C. - S. C. Farense (Campo F. G. Socorro - Vila Real S. António). C. D. «Os Olhanenses» - C. F. «Os Bonjoanenses» (Campo L. Sousa - Olhão).

2.ª categoria

C. D. «Os Olhanenses», 25 Ginásio C. O., 33 (ao intervalo 15-14)

CDO: Madeira (11), Sancho-Hostilio-Relvas (4), Santos (2), Filipe (8).

GCO: Martins (6), Marcelino-Fernandes (14), Graça (3), Óscar (4), Bruno (6).

Árbitro: Marcelino José. Marcador: José Rosa Gouveia. Cronometrista: António do Nascimento Pité.

O Ginásio Clube Olhanense, vencendo pela segunda vez o seu único adversário da categoria — C. D. «Os Olhanenses» — venceu, com todo o brilho, o Campeonato Distrital de 2.ª categoria, conquistando a taça «José Cabrita».

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
G. C. O.	2	2	0	0	72-44	6
«Os Olhan.»	2	0	2	44-72	2	2

O Clube Náutico e a pesca desportiva

Com a sua inscrição na Associação Regional do Centro de Pesca Desportiva, o Clube Náutico de Vila Real de Santo António ultimou a oficialização da sua nova secção de pesca desportiva. Assim, o Clube Náutico não só passa a oferecer mais uma modalidade para recreio dos seus associados, como dá mais um passo em frente, para o seu ressurgimento. Bem hajam os que em boa hora meteram ombros a obra tão altruísta, em prol da juventude de Vila Real de Santo António.

Demos tempo ao tempo, e aguardemos os robalos e as corvinas...

a difícil missão de procurar um equilíbrio que remedeie o mal de que todos nos estamos a lamentar. Mal que já não se remedia como antigamente — com vinas e comícios. A coisa agora é mais séria!

JORNAL do ALGARVE

A LUTA CONTRA

Conclusão da 1.ª página

lhas que prodigalizam à formiga argentina, através da melada que excretam, o seu mais apetecido alimento. Em contrapartida, a formiga retribui largamente essa dádiva mercê duma protecção eficaz dispensada às cochonilhas, contra os seus parasitas e depredadores. Tão importante é esta associação, que se verifica de maneira geral que o êxito da luta contra as cochonilhas está de certo modo condicionado pela infestação da formiga argentina. Por outras palavras, há primeiramente que combater eficazmente esta formiga, para que as cochonilhas possam ser mais facilmente destruídas. Contudo, a luta contra a formiga argentina, que alguns anos atrás se apresentava cheia de dificuldades, é hoje encarada com mais optimismo, mercê dos progressos realizados no campo dos insecticidas.

A FAMA dos vinhos do Algarve

O REGENTE-agricola sr. Octávio Pato publicou no nosso colega «Vida Rural» um artigo intitulado «As regiões vitícolas e o turismo», do qual pedimos licença para transcrever a parte que se refere à nossa Província. Ei-la:

O Algarve não é, propriamente, uma região vitícola. Tirando algumas pequenas manchas ampeológicas que tomam mais importância na Fuseta, em Silves e em Lagoa, a vinha não tem assento naquelas terras. O vinho é pouco e não chega para o consumo da Província. Pois, prezados leitores, honra aos algarvios que, até onde lhes chega o vinho da sua terra, bebem-no integro, puro e fidelíssimo. Tenha 15 ou 16 graus, o vinho do lavrador revelará essa força ao cair no copo. A ideia que nos ficou é a de que, na generalidade dos casos, seja o hotel cidadão ou a pensão de recôndita vilória, o clarete apetitoso e trepador, enquanto dura, surge invariavelmente sobre a mesa como produto genuíno e também eloquente na demonstração de uma harmonia, que existe de facto, entre a actividade produtora e a indústria que, em parte, vive da sua venda.

Como remate, virá a talhe de foice reproduzir aqui o testemunho que nos transmitiu um luso-brasileiro, por essa altura também de passeio em terras algarvias e que, pelo visto, comungava nas ideias aqui expostas. Conheçemo-lo num restaurante de Portimão em final de almoço. As suas palavras foram estas mais ou menos:

«Eu me encontro francamente encantado com o povo destas terras. Veja só. Eu venho do Brasil aqui, trazendo na ideia saborear, tal qual a cepa os produz, estes desejados vinhos da nossa Pátria, que lá, sem serem genuínos, custam os olhos da cara. Atravesso o Minho, o Douro, deço as Beiras e passo ao Ribatejo; mas quanto aos vinhos bons, o lavrador parece fazer caixinha... Porque aqui, como em terras de Santa Cruz, se quero beber do bom, só de garrafa bem vestida, e então estou pagando a rolha, mais o rótulo, mais o serviço. Graças

Continua na 5.ª página

A FORMIGA ARGENTINA

Primeiramente, começou-se por fornecer às formigas abrigos de estreme ou de folhagem seca para que no Inverno elas ali construíssem os seus ninhos, que mais tarde eram devidamente queimados.

Aproveitando a extraordinária atracção da formiga pelas substâncias açucaradas, prepararam-se iscos constituídos por soluções de mel, açúcar ou melaços e uma substância tóxica, que, na maior parte dos casos, tem sido o arsenito de sódio. Os iscos assim preparados eram depois espalhados pelo terreno infestado, dentro de recipientes apropriados. Apesar de esta modalidade oferecer interessantes possibilidades, apresenta alguns inconvenientes entre os quais avulta a mão-de-obra necessária à colocação e manutenção dos recipientes nas devidas condições, além de que só através de uma campanha prolongada se conseguem alcançar resultados bastante apreciáveis. No entanto, a utilização de iscos envenenados ainda hoje é um método de luta considerado útil, sobretudo como complemento dos processos de combate realizados por meio de alguns insecticidas que, ultimamente, têm sido mais empregados contra a formiga argentina. Ainda há bem poucos anos que em Itália foi utilizado com bastante êxito, um isco assim constituído:

Água	1 litro
Ácido tartárico	976 gramas
Benzoato de sódio	1,5 »
Arsenito de sódio	4 »

A colocação dos iscos deve ser feita no fim da Primavera, principio de Verão, quando as formigas desenvolvem maior actividade.

Não há dúvida, porém, que, graças à utilização de alguns insecticidas organo-cloretados, a formiga argentina pode ser hoje eficazmente combatida.

Iniciada a luta neste capítulo com o D. D. T., cedo se verificou que esta substância activa apenas se revelava de certo modo eficaz quando aplicada por pulverização nas doses elevadas de 1,5 e 2%, a partir de formulações de, respectivamente, pós molháveis a 50% e emulsões a 50%. Além disso, e em qualquer dos casos, era necessário proceder a três tratamentos espaçados de três em três semanas uns dos outros, para que os resultados fossem um tanto satisfatórios. Por outro lado, o calor que já se faz sentir na época mais indicada para os tratamentos (a partir de Maio), afecta grandemente a eficácia do D. D. T.

Uma vez que este produto não satisfazia, procurou-se encontrar novos insecticidas que, a par de elevada toxicidade para a formiga, possuissem também prolongada acção residual, como convinha à natureza da luta a travar. Presentemente, existem quatro insecticidas que satisfazem os requisitos acima referidos: clordane, dieldrine, aldrine e heptacloro. Durante os estudos efectuados com estes pesticidas, verificou-se que as respectivas formulações de pós molháveis e de pó para aplicação a seco, não davam tão bons resultados como os concentrados emulsionáveis.

Na Itália, onde estes insecticidas têm sido largamente experimentados, chegou-se à conclusão que o clordane numa formulação concentrada emulsionável a 75-75% revelava óptima eficácia quando aplicado a 0,4-0,5% e apenas com dois

tratamentos distanciados de cerca de um mês.

No que respeita ao dieldrine, verificou-se igualmente que as formulações emulsionáveis a 25% davam resultados bastante satisfatórios, quando aplicados a 0,4%, em dois tratamentos.

Os produtos emulsionáveis de aldrine a 50% deram também óptimos resultados quando empregados a 0,4% e apenas com um único tratamento.

As formulações emulsionáveis de heptacloro a 25% empregadas a 0,8%, revelavam também excelentes resultados com uma única aplicação.

Vejam agora mais algumas características destes insecticidas:

O clordane, sob a acção do calor, actua não só por contacto, mas também por fumigação e age tão bem nos terrenos irrigados como nos não irrigados.

O dieldrine, aldrine e heptacloro reforçam igualmente a sua eficácia sob a acção do calor e suportam muito bem os terrenos enxutos mas, dum modo geral, melhoram ainda mais o seu grande poder residual se o solo estiver húmido.

Uma vez que estes insecticidas organo-cloretados são, presentemente, os mais indicados na luta contra a formiga argentina, é evidente que a preferência por um deles terá que ser influenciada pelo factor económico, baseado no custo da matéria activa, no valor da concentração do produto formulado, dose de aplicação e, principalmente, no número de tratamentos necessários para que a praga seja erradicada.

Quais os cuidados a atender no que respeita à aplicação dos tratamentos?

Dado que o insecticida a empregar por pulverização actua normalmente por contacto ou simultaneamente por contacto e fumigação, para que os tratamentos sejam mais eficazes, será conveniente atender às seguintes condições:

1—O terreno infestado deve ser limpo de ervas, folhas secas, pedras, etc., antes do tratamento, a fim de que as formigas fiquem sem qualquer protecção.

2—O terreno deverá ser completamente tratado metro a metro, sem deixar espaços não pulverizados.

3—Todos os troncos das árvores existentes serão completamente pulverizados até à altura de um metro. No que respeita às videiras, o tratamento deve incidir do mesmo modo sobre o caule, mas de molde a poupar a folhagem, não esquecendo de pulverizar porém os tutores e outros suportes das videiras.

4—Pulverizar igualmente regadeiras, muros, eiras, varreduras, estruturas, montes de lenha, caminhos, etc.

5—Se uma dada cultura necessitar de uma lavoura ou qualquer outra mobilização do solo, estas práticas culturais deverão ser feitas antes de qualquer tratamento, a fim de evitar quebrar a continuidade do produto tóxico no solo tratado, com o qual as formigas devem entrar em contacto.

6—Os tratamentos podem ser efectuados por meio do vulgar pulverizador de vinha ou por qualquer outro, desde que seja de fraco débito e pequena pressão.

7—Feito o tratamento no terreno, pode-se aplicar com vantagem uma rega para reforçar a eficácia do insecticida aplicado, conforme atrás referimos. É claro que o volume de água empregado terá que ser fraco e fornecido sob pequena pressão, a fim de se evitar que, por excesso, o insecticida seja diluído em demasia.

Vale a pena referir que na União Sul Africana, em 1953, se experimentou com bastante êxito nova modalidade de combate à formiga argentina em terrenos de vinha, os quais foram tratados com aldrine, dieldrine e clordane e incorporados no solo até à profundidade de cerca de 8 cm. e à razão de, aproximadamente, 2 quilogramas de matéria activa por hectare.

Passados dois anos (1955), os terrenos tratados estavam livres de infestação, ao contrário dos solos não tratados que se apresentavam fortemente infestados.

Em ensaios laboratoriais conduzidos ao fim daquele tempo, sobre amostras das terras tratadas, verificou-se que, para os terrenos arenosos, o aldrine se apresentava já menos tóxico para as formigas ensaiadas, que o clordane e o dieldrine. No entanto, para os solos argilosos, o seu comportamento foi igualmente satisfatório.

J. F. Pinto-Ganhão
Eng. Agrônomo

CINE-CLUBE DE Vila Real de Santo António

O Clube de Cinema de Vila Real de Santo António dá no dia 14 a sua 27.ª sessão normal com o belo filme italiano «Um dia de Amor», de Giuseppe de Santis, em ferrá-niacolor, entrando assim no anunciado sistema de duas sessões mensais sem aumento no preço da cota.

Postal de Lisboa

Meu caro Jorge:

Disiam, há dias, os jornais que tinha sido presa pela Polícia uma «bruxa» possuidora de «certas virtudes e de numerosa clientela».

Parece impossível, mas é verdade que em plena era atómica, quando potentes aeronaves sulcam os espaços e a ciência consegue enviar para a estratosfera satélites artificiais, ainda há por esse mundo fora uma multidão imensa de... ia dizer imbecis, mas direi apenas de crédulos e ingénuos papalvos, que ainda acreditam nas virtudes do mais ou menos sebento baralho de cartas, das mesinhas de pé de galo, nos esconjuros, defumadouros e amuletos, de mistura com umas certas frases misteriosas, que entre outros têm o poder de conciliar amores desavindos, dar sorte ao jogo e até muitas vezes curar as seções e endiveitar a espinhe-la caída.

Não falando já da queima da ar-ruda, do incenso e das raspas das ósseas excrecências frontais dos carneiros pretos, do sal e da pimenta, das linguas secas de víbora, do tradicional e indispensável a qualquer bruxa encartada (o famoso gato preto), e do mocho embalsamado, complementos indispensáveis do vastíssimo arsenal de que se servem para desvendar o passado, adivinhar o futuro e remediar o presente.

Mas o que é certo é que por esse mundo fora essas e esses espertalhões vão medrando, engordando e vivendo à tripa forra, à custa dos tais crédulos clientes.

É curioso notar que esta credulidade pacífica no poder sobrenatural destes espertalhões observa-se em todos os países e parece ser comum a todas as raças.

Nisto não se distinguem o selvagem do civilizado, o índio do europeu, o preto do branco, o malaio do esquimó.

A propósito, sempre que se fala de bruxas lembro-me de certa cena a que assisti em plena selva africana:

A sombra de frondosa árvore sentava-se numa cadeira, vestindo à europeu, mas de pé descalço, um preto nutrido e importante: era o feiticeiro. Sentado no chão e vestindo uma indumentária algo simplificada, rodeavam-no uma meia dúzia de indígenas: os clientes.

A determinadas frases pronunciadas pelo adivinho os clientes em coro respondiam «sávuma!». Esta cena demorou algum tempo e a um determinado sinal feito pelo feiticeiro surgiu de uma pequena sebe uma preta que lhe entregou um pequeno papel branco. O feiticeiro traçou alguns gestos no ar, pronunciou algumas frases e agitando um chifre de boi, espécie de polvorinho que tinha perto de si, despejou-o num pano que estava estendido no chão. Não era de certo a bocceta de Pândora, mas dali

DE TUDO PARA TODOS

A quadra de hoje

Queres saber, doce amada,
O que é saudade na vida?
Uma metade afastada
De outra metade querida.

W. PORTUGAL

O doce nunca amargou

Torta verde — Tome 150 gramas de açúcar, 6 ovos, 100 gramas de amêndoas moidas, 100 gramas de passas sem caroços e picadinhas, 150 gramas de farinha de trigo e 1 cálice de conhaque. Bata as gemas com o açúcar, junto o conhaque, as amêndoas, as passas, a farinha e as claras em neve. Leve em forma untada, a forno brando. Cubra, depois, com glacé verde e cole, ao redor, amêndoas picadas e torradas e, com tiras de frutas cristalizadas, forme, sobre a torta, uma estrela.

Também na cozinha se pode ser artista

Escalopes vienenses — Enfari-nhar ligeiramente os escalopes, cortados finos, passá-los por ovo batido com sal, pimenta, uma colher de água e outra de azeite, e depois passá-los por pão ralado. Fritam-se em gordura bem quente e servem-se num prato aquecido, regados de manteiga derretida e guarnecidos com salsa picada e rodela de limão. Servem-se acompanhados de esparguete salteado em manteiga e polvilhado de queijo, feijão verde e batatinhas novas.

Chegadas da Inglaterra

O redactor de um jornal inglês recebeu uma carta de Edimburgo redigida nestes termos: «Meu caro senhor: se continua a publicar piadas ofensivas acerca da avareza dos escoceses ver-me-ei obrigado a renunciar a pedir emprestado o seu jornal».

Uma rapariga entra numa farmácia e timidamente pede ao farmacêutico que lhe leia uma carta: «Seria tão amável que ma quisesse ler? E' que o meu noivo é médico!»

É agora não ria!

Premida pelo gerente, a campanha retine desesperadamente no gabinete do chefe da secção de publicidade, o qual se dirige ao gabinete do seu superior.

— Meu amigo. Quero exportar-lhe uma ideia. Precisamos de uma propaganda inédita para a nossa casa. Mas que custe pouco dinheiro, que se fale nela em todo o Algarve e além disso seja agradável ao nosso pessoal.

O pobre funcionário coça o queixo e responde:

— Está bem. Amanhã dou-lhe a resposta.

E efectivamente no dia seguinte, bem cedo, o gerente recebe uma nota concebida nestes termos:

«Atire-se de uma janela do terceiro andar. Isso fica-lhe grátis, todo o Algarve falará no caso e o pessoal da sua casa ficará radiante».

sairam os mais disparatados objectos: bicos de pássaros, garras de aves de rapina e de animais ferozes, bolões, búzios, caracóis, etc. Depois, à medida que ia recolhendo o conteúdo do chifre ia pronunciando mais frases misteriosas às quais o coro respondia com o habitual «sávuma».

Até que se lembrou de pôr termo à sua feitiçaria. Não sei se por ter sido surpreendido pelos brancos quando se encontrava no exercício da sua misteriosa «missão», se para fazer «render o peixe», a sessão foi dada por finda e adiada. Tratava-se, segundo depois nos explicou, de descobrir onde se encontrava certa cabeça de gado perdida ou roubada a um dos «clientes» que fazia parte do coro.

Agora, sempre que leio ou ouço falar em bruxas e em mulheres de vir-

tude, associo mentalmente o espectáculo daquela meia dúzia de pretos semi-selvagens e incultos com certos senhores e senhoras que se dizem civilizados, alguns até com um nível de instrução algo elevado, que, apesar de todos os seus primores e de certas manifestações de superioridade ante os seus pares e inferiores na escala hierárquica da sociedade, sempre que a ocasião se proporciona não hesitam em rebaixar-se ao nível intelectual dos sertanejos habitantes da selva africana que fazem da tanga e do langolim o seu traje de cerimónia como os de cá usam a casaca e o chapéu alto.

E por hoje termino, fazendo votos para que não sonhes com bruxas.

Um abraço do amigo certo

José Martins

SR. LAVRADOR:

FAÇA CONTAS, NÃO DESPERDICE DINHEIRO

ADUBAÇÕES AZOTADAS DE COBERTURA

ECONÓMICAS E EFICAZES

Conseguem-se utilizando

NITRO-AMONIACAL C. U. F.

com 20,5% de azoto

ou

Nitro-amoniaco concentrado C. U. F.

com 26,5% de azoto

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

Depósitos e revendedores em todo o país

Para qualquer esclarecimento dirija-se aos

SERVÍÇOS AGRONÓMICOS da COMPANHIA UNIÃO FABRIL



Com esta tinta Até um bebé pinta!

FABRICA DE TINTAS E VERNIZES "EXCELSIOR"
J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.
TRAV. DO GIESTAL, 4 (à R. Aliança Operária) Tel. 637106 LISBOA